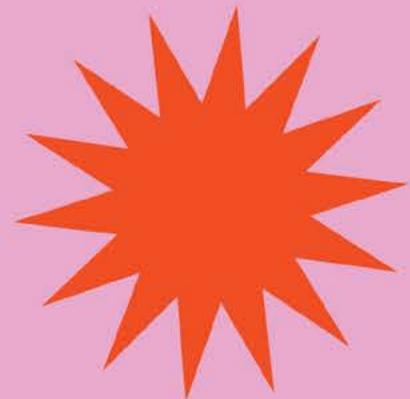




Semana MOVE

19 - 27.9.2020

A atividade física transforma





***MOVIMENTE-SE.
Como puder e
com segurança.***



***Compartilhe
sua participação
nas redes sociais
com as hashtags***

***#semanamove
#semanamovetransforma***

APOIO

ISCA
International Sport and
Culture Association

COORDENAÇÃO

Sesc



Arte: Gakriya. Foto: Ricardo Sanchez

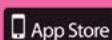
IMAGEM DA CAPA

Quem passa em frente à unidade do Sesc Araraquara é apresentado com uma arte exposta na fachada. São painéis que compõem o projeto Poéticas do Afeto, propondo respiro e leveza nestes tempos de pandemia. As intervenções visuais são feitas em banners fixados nas grades externas da unidade. Cerca de 15 artistas da região participam da experiência, como o grafiteiro Gabriel da Silva, o Gakriya, autor da obra que ilustra a capa desta edição, trazendo, em diferentes técnicas e estéticas, seus traços e perspectivas sobre o momento em que vivemos.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Compromisso com o bem-estar

Promover o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares e de toda a comunidade está no cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio. Criado em setembro de 1946 – há exatos 74 anos, portanto – desenvolve programações nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e alimentação e de educação, valorizando a diversidade e os encontros de ideias e de perspectivas que levam ao crescimento pessoal e interrelacional.

Neste período de quarentena, em que as unidades estão fechadas para impedir a disseminação da Covid-19, intensificou sua oferta de programação no ambiente digital, com apresentações musicais, de dança e das artes cênicas, além de debates com temáticas diversas e aulas de práticas esportivas. Além disso, deu continuidade ao programa Mesa Brasil Sesc, que foi ampliado com a distribuição de cestas básicas, produtos de higiene e de proteção individual, como máscaras de tecido e protetores faciais.

Em momentos de crise como este que enfrentamos com a pandemia, evidencia-se o caráter essencial da missão institucional da entidade. Ao investir esforços e recursos nesta ação emancipadora, o empresariado do setor reafirma seu compromisso na construção de uma sociedade com mais oportunidades para todos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

Tempo de se reinventar

Reinventar, adaptar, rever e modificar são alguns dos verbos conjugados mais intensamente nos últimos cinco meses. A pandemia da Covid-19 impôs mudanças na rotina e trouxe novas práticas no cuidado consigo e com o outro. Ficamos mais recolhidos ao ambiente doméstico e, ao sair de casa, redobramos as atenções em proteção e higiene. A quarentena transformou também nossa relação com a comunidade local. Ao restringir nossa circulação ao entorno de nossas casas, redescobrimos o bairro onde vivemos e estabelecemos vínculos com o próprio território. É o que mostra reportagem desta edição da **Revista E**.

Trata-se de um processo que traz novas perspectivas sobre a cidade e estimula a pensar uma infraestrutura urbana que promova a saúde e o bem-estar, como defende o médico Paulo Saldiva, em *Entrevista*. Um planejamento que deve levar em conta a diversidade de públicos e a acessibilidade, em especial às populações mais vulneráveis, como os negros e idosos, conforme alerta a escritora Conceição Evaristo, em *Depoimento*. Na *Gráfica*, um passeio pela estética de artistas brasileiros a partir das obras premiadas na 15ª edição da Bienal Nãifs do Brasil. E, no *Inéditos*, a poesia de Luiz Galvão, um dos compositores dos Novos Baianos, autor de *Acabou Chorare*. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo



Paulo Saldiva

Em ENTREVISTA, o médico patologista e professor da USP Paulo Saldiva reflete sobre as características e necessidades de uma cidade saudável

10



Adriana Vichi

Restrição de circulação provocada pela pandemia transforma a relação das pessoas com o BAIRRO ONDE MORAM

16



Acervo Tom Jobim / Instituto Antônio Carlos Jobim / Jobim Music

No PERFIL, como a amizade e parceria criativa de TOM E VINÍCIUS marcaram a história da música no Brasil e no mundo

24



Em busca de uma liberdade que ainda não veio / Com Silva / Arçhiva sobre tela / Foto: Paulo Perra / Mumhoz

Na GRÁFICA, uma cena artística ampliada por representatividade e conexão expõe CRIAÇÕES SEM AMARRAS na 15ª Bienal Nãifs do Brasil

30



Adriana Vichi

Produções e narrativas sobre a pandemia compartilhadas na internet podem se tornar CÁPSULAS DO PRESENTE para o futuro

42

DOSSIÊ	7
EM PAUTA OUTROS HORIZONTES PARA O TURISMO	46
ENCONTROS LIA RODRIGUES	52
DEPOIMENTO CONCEIÇÃO EVARISTO	56
INÉDITOS LUIZ GALVÃO	58
ALMANAQUE PAULISTANO	68
P.S. DANIELA DA COSTA MATSUDA	70



Neste 7 de setembro, a canção **Paratodos**, de Chico Buarque, ganha um novo **videoclipe**. A versão é resultado de mais uma parceria entre o **Museu do Ipiranga** e o **Sesc São Paulo** que fazem uma homenagem à diversidade brasileira com uma **reunião única de vozes**.

Assista à estreia simultânea, às 14h, em:
sescsp.org.br/ipiranga | ecosdoipiranga.com.br
e no Sesc TV em diversos horários da programação.

7 setembro 2020 • 14h

um
museu
paratodos
todes
todos

Anastácia
Kaê Guajajara
Negra Li
Tainara Takua

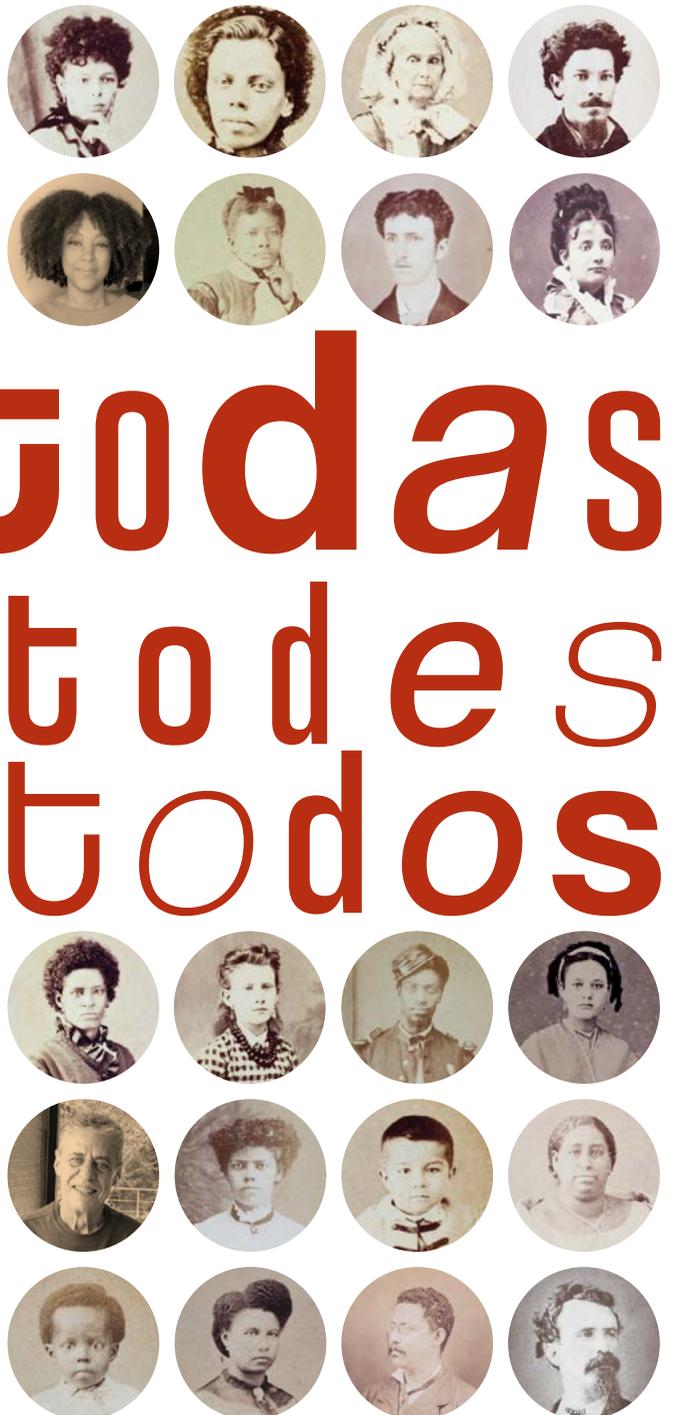
OSUSP
CORALUSP

arranjo
Carlinhos Antunes
Gabriel Levy

participação especial
Chico Buarque
de Hollanda

direção e edição
Maria Thaís
Yghor Boy

realização





Ricardo Ferreira

Tá na mesa e na tela

ESCOLHAS CONSCIENTES E COMIDA SAUDÁVEL SÃO ALGUNS DOS INGREDIENTES DA WEBSÉRIE *ALIMENTAÇÃO #EMCASACOMSESC*

Você tem dúvidas sobre como manter uma boa alimentação? Com ou sem pandemia, a forma como nos alimentamos tem relação direta com nossa saúde. Por isso, a websérie *Alimentação #EmCasaComSesc*, lançada em agosto pelo Sesc São Paulo, busca orientar as pessoas a fazerem escolhas alimentares de forma consciente.

A cada episódio, nutricionistas do Sesc falam sobre a escolha dos alimentos, a importância do ato de cozinhar, a higienização adequada de frutas/legumes/verduras, questões comportamentais associadas à comida, entre outros temas. Para completar, cozinheiros do Sesc apresentam receitas desenvolvidas pelas equipes das comedorias com ingredientes acessíveis e modos de preparo simples, incentivando o público a colocar a mão na massa.

“Neste momento de isolamento social por conta da pandemia da Covid-19, em que muitas pessoas estão buscando uma alimentação saudável e redescobrimdo a cozinha em suas casas, a websérie traz informações relevantes nesse campo, da teoria à prática, com intuito de auxiliar as pessoas a fazerem escolhas conscientes”,

explica Mariana Ruocco, nutricionista da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo.

Entre os destaques da programação de setembro, o episódio que vai ao ar no dia 24/9 traz como tema o senso crítico necessário para lidarmos com o excesso de informações sobre alimentação. No vídeo, o assunto será comentado pelo nutricionista Bruno Correia, com participação da cozinheira Dora Marçal, ambos funcionários do Sesc. Novos episódios são disponibilizados online toda quinta-feira, às 11h, no canal do Sesc São Paulo no YouTube: www.youtube.com/sescsp.

Bom apetite!

NESTE MOMENTO EM QUE MUITAS PESSOAS ESTÃO BUSCANDO UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E REDESCOBRINDO A COZINHA EM SUAS CASAS, A WEBSÉRIE TRAZ INFORMAÇÕES RELEVANTES NESSE CAMPO, DA TEORIA À PRÁTICA, COM INTUÍTO DE AUXILIAR AS PESSOAS A FAZEREM ESCOLHAS CONSCIENTES

MARIANA RUOCCO, nutricionista da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo



FG Trade / iStock

SEMANA MOVE TRANSFORMA

Coordenada pelo Sesc São Paulo na América Latina, com o apoio da International Sports and Culture Association, a Semana Move chega à oitava edição em um contexto mundial que desafia novos olhares e significados diante do distanciamento social. Realizada entre os dias 19 e 27/9, a Semana Move mantém o propósito de sensibilizar as pessoas para um estilo de vida mais ativo e, assim, diante dos desafios atuais, inspirá-las para a descoberta de novas estratégias para a prática regular de atividade física. Para isso, uma programação nas redes sociais promove a conexão entre público e diversos profissionais para uma grande ação *online*. Participe: www.sescsp.org.br/semanamove.

30 ANOS PELA EQUIDADE

Em setembro, o Sesc São Paulo realiza, em parceria com o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), uma programação especial que celebra os 30 anos do CEERT, organização não governamental dirigida por Cida Bento que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e de gênero. No espaço digital, haverá cursos e bate-papos sobre os eixos: Educação, Justiça e Desafios do Mundo do Trabalho. Participarão especialistas, lideranças e formadores de opinião de diferentes partes do país. Saiba como participar pelo portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br.



Divulgação

Foram doados 5.250 protetores faciais a mais de 130 entidades, entre hospitais públicos, instituições sociais e secretarias municipais de saúde, por meio da iniciativa do Sesc São Paulo de fabricação digital a partir da infraestrutura dos Espaços de Tecnologias e Artes (ETAs) das unidades, concentrada no ETA do Sesc Avenida Paulista.

VIAGENS SONORAS

A impossibilidade de se apresentar e criar presencialmente fez com que músicos e compositores buscassem outras formas de dar vazão à criatividade. Pensando nisso, a série *Não Repare a Bagunça*, do Selo Sesc, promove sessões de improviso virtuais com instrumentistas de diversas partes do Brasil. Registradas em vídeo de maneira autônoma pelos próprios artistas, em casa ou em seus estúdios particulares, as produções da série passeiam pelo carimbó, valsa, jazz, reggae e até pela música de concerto, aproximando linguagens musicais distintas. Neste mês, **Jaques Morelenbaum**, Guegue Medeiros, Joatan Nascimento e Lula Galvão (24/9) estão entre as atrações. A série é transmitida toda quinta-feira, às 17h, no www.youtube.com/selosesc e pelo www.sescsp.org.br/nrb.



Divulgação

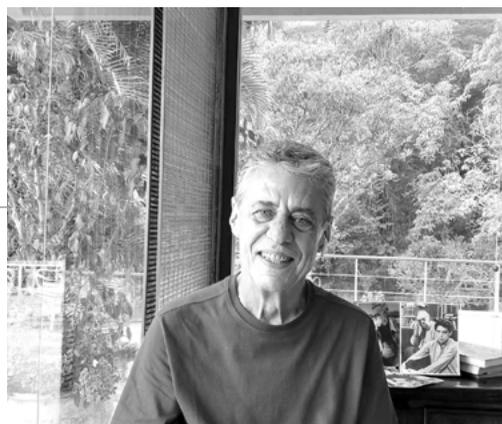


Isabela D'Elia

O CPT_SESC realiza, na [plataforma do Sesc Digital](#), uma mostra a partir do dia 14 de setembro, com registros da peça *A Pedra do Reino*. São fotografias, peças gráficas, figurinos e registros da montagem que fazem parte da memória do trabalho de Antunes Filho. Também neste mês será realizado o Seminário CPT 2020, entre os dias 1 e 3, no canal do [CPT_SESC no YouTube](#).

HOMENAGEM À DIVERSIDADE BRASILEIRA

O Sesc São Paulo e o Museu do Ipiranga celebram o Dia da Independência do Brasil com uma programação virtual que teve início em 24 de agosto e segue até o dia 7 de setembro. Nas plataformas de ambas as instituições, no dia 7/9, às 14h, será feito o lançamento do videoclipe da música *Paratodos*, de **Chico Buarque**. A versão terá a participação especial do artista, que faz uma homenagem ao pai, Sérgio Buarque de Holanda, diretor do Museu do Ipiranga entre 1946 e 1956. Com arranjos de Carlinhos Antunes e Gabriel Levy para a Orquestra Sinfônica da USP e CORALUSP, a canção contará com a interpretação das cantoras Negra Li, Kê Guajajara, Tainara Takua e Anastácia. A transmissão ocorrerá também em diversos horários da programação do SescTV. Saiba mais pelo portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br ou em www.ecosdoipiranga.com.br.



Divulgação



Sergio Zechi / Valar / Fotogramas

Uma cidade **SAUDÁVEL**

MÉDICO E PROFESSOR DA USP REFLETE SOBRE COMO A PANDEMIA PODE LEVAR A MUDANÇAS NA INFRAESTRUTURA URBANA A FIM DE GARANTIR O BEM-ESTAR DA POPULAÇÃO

Prças, áreas verdes, parques, grandes avenidas e calçadas são alguns equipamentos urbanísticos essenciais nas cidades, inclusive para a saúde da população. “Urbanismo e saúde andam juntos. E muito da concepção, da reurbanização das cidades, foi feito no sentido de prover melhores condições de saúde numa época em que as vacinas eram poucas e não havia remédios efetivos”, explica o médico patologista Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Espaços abertos, amplos e ventilados foram algumas soluções encontradas por arquitetos, e adotadas por governantes, para diminuir o adensamento demográfico: um dos fatores responsáveis pela proliferação de viroses como a Covid-19. No entanto, nem todas as regiões de grandes cidades, como São Paulo, são contempladas por essas melhorias, e milhões de pessoas habitam comunidades desprovidas de moradias apropriadas, de asfalto e de saneamento básico. “Normalmente, quando se faz um projeto de urbanização, você marginaliza alguns segmentos da população. E não é por outra razão que as mortes por coronavírus em São Paulo não são homogêneas em suas regiões”, ressalta Saldiva. “Elas estão concentradas nos segmentos mais pobres: seja pelo adensamento populacional, pelo compartilhamento de um mesmo espaço por várias pessoas, e também porque essas pessoas, por vezes, têm que sair de casa, pegar transporte coletivo e trabalhar de forma intensa.” Em outros períodos da História, o Brasil teve êxito ao erradicar epidemias como a febre amarela e a varíola por causa de medidas que alteraram a infraestrutura urbana. Hoje, no entanto, há dúvidas sobre como as grandes cidades irão se adaptar – ou se modificar – para garantir a saúde da população.

Para a saúde da sociedade, as cidades – ao menos as metrópoles – podem ser vistas como um problema? Como Nova York e São Paulo, que foram epicentros da Covid-19.

As cidades são o lar natural das pandemias. As pandemias dependem de contagiosidade. Quando éramos caçadores, coletores, vivendo em pequenas comunidades, não havia pandemias e, mesmo assim, essas pequenas vilas, tribos, aldeias, eram separadas por grandes distâncias. É nas cidades que os vírus e agentes infecciosos encontram vários seres humanos, vários organismos vivos nos quais ele pode proliferar. Portanto, não é, digamos, novidade, que as pandemias, como a do coronavírus, manifestem-se em cidades de grande porte, como você menciona, mas também objeto de grandes ondas migratórias. Assim foi na Europa, em polos turísticos, como Espanha, França e Itália. E, em São Paulo, pela grande movimentação de pessoas em aviões, transportando vidas, em longas distâncias, até a nossa cidade.

A falta de limpeza nas cidades – ratos, baratas e lixo acumulado – parece ser um cenário cotidiano mesmo em metrópoles mais ricas. Como isso afeta a proliferação de pandemias?

A questão da limpeza é importante, mais notadamente em doenças transmitidas por organismos que moram em reservatórios; por exemplo, ratos. Como aconteceu com a febre amarela em 2018, em que o reservatório eram os macacos das franjas das cidades e também havia vetores como insetos. Quando você tem água e lixo, você tem criadouros naturais de onde eclodem os ovos dos insetos com mais facilidade. Assim foi na peste bubônica, começando em Roma na época justiniana, assim foi na Idade Média, com as grandes cidades e o lixo. Enquanto em outras circunstâncias, por exemplo, as viroses de transmissão interpessoal, caso da influenza e do coronavírus, esse aspecto do lixo não é tão importante, mas há problemas, por exemplo, nas condições de moradia, no adensamento.

Então, esse adensamento populacional sobressai como grande preocupação.

Várias pessoas moram no mesmo ambiente, facilitando a contagiosidade, além de uma grande massa de pessoas que se movem em transporte coletivo. Nesse caso, há uma possibilidade de troca de microorganismos, no caso, do vírus. O vírus não consegue se dividir por si próprio. Ele precisa de alguma estrutura: de uma célula com núcleo para produzir cotas dele próprio. O vírus nem de vivo deve ser chamado. Ele é uma estrutura que depende de uma célula viva para poder existir. Então, nesses lugares onde há muita gente é que

ESSE VÍRUS PÔS A NOSSA FORMA DE ENTENDER O MUNDO E AS CIDADES DE JOELHOS

você vai ter as pandemias de transmissão direta, interpessoal. Assim também foi com a influenza – foram as trincheiras da Primeira Guerra Mundial que permitiram a disseminação da doença pelo constante fluxo de pessoas das trincheiras para as cidades da retaguarda.

Entidades da sociedade civil alertam que o novo marco regulatório para o saneamento básico do país, sancionado em julho, pode comprometer a ampliação desse acesso pela população. Essa é uma questão dramática para a saúde, em especial para a contenção da Covid-19?

Nas doenças de transmissão interpessoal, como a Covid-19, o comprometimento do saneamento é secundário. Ele existe, claro, mas não é primário. O que acontece é que uma parte da transmissão do vírus se faz do contato com as mucosas quando a pessoa tosse: o vírus pode ficar em superfícies da pele, caso da mão, e assim ser levado aos olhos. O vírus não penetra a epiderme: ele tem que entrar em contato com a mucosa, seja a mucosa do trato respiratório, do olho ou da boca. E por isso você precisa lavar a mão. Mas, como é que você pode lavar a mão a cada hora, se você não tem água? Quando você tem que buscar água num balde, ela é racionada em grande parte do dia. Então, acho que, mesmo para as viroses que não dependem de mosquitos ou ratos, a falta de saneamento atua de forma a diminuir a defesa das pessoas por contágio através das mucosas.

A higiene pessoal, o asseio, é outro aspecto a ser posto como medida essencial dada a atual pandemia?

Ainda nessa linha, o asseio, além da lavagem das máscaras, faz parte do sistema de prevenção. Você pode desinfetar superfícies onde muitas pessoas põem a mão ou perto de onde tossiram, como

nos ônibus, nas próprias casas ou nos ambientes públicos. O novo coronavírus pode ficar em superfícies não corpóreas, vivo, por algumas horas. Então, é importante que se tenha condição e que se incorpore a higiene pessoal como uma forma de prevenção das pandemias e o respeito à higiene das outras pessoas.

Na segunda metade do século 19, quando o Rio de Janeiro era capital do país, tivemos várias epidemias – febre amarela, tifoide, entre outras.

Culpavam-se bastante os cortiços pela disseminação das doenças.

Não são os cortiços que as causam. Mas foi o que aconteceu no Rio de Janeiro, que durante o combate à febre amarela e à varíola pôs abaixo os cortiços, gerando a Revolta da Vacina – projeto liderado, na parte da saúde, por Oswaldo Cruz e pelo prefeito Pereira Passos que gerou uma grande reurbanização do Rio de Janeiro. O cortiço em si não faz nada. O que o cortiço faz é colocar várias pessoas juntas num mesmo espaço. Famílias, às vezes, convivendo num quarto só. Eu vejo isso hoje no bairro onde moro, no Bixiga. Existem famílias que vão morar em condições de grande proximidade, banheiros coletivos, enfim. Você tem aí um ambiente propício para a disseminação. Já o caso da febre amarela, ela depende do mosquito, o *aedes aegypti*, que, digamos, é uma espécie invasora no Brasil, mas que se adaptou muito bem e foi o principal transmissor da doença, tanto que Oswaldo Cruz tinha esquadrões mata-mosquito. Então, se você combinar muita gente junta num ambiente com pouco saneamento, proliferam-se os vetores: isso causou a epidemia de febre amarela. A varíola não: ela se transmite de pessoa a pessoa e a única estratégia possível era a vacinação. Foi por isso que se fazia vacinação compulsória, porque a vacina, ou o que se assemelhava à vacina contra a varíola, já existia desde meados do século 18, descoberta e proposta por Edward Jenner (1749-1823), na Inglaterra.

Em 1890, foi promulgado o Código de Posturas Municipais no Rio de Janeiro, exigindo que as casas de aluguel fossem caiadas duas vezes por ano, tivessem cozinhas e banheiros azulejados e quartos com equipamento de ventilação. Mas a medida foi abandonada logo depois por se mostrar de difícil execução. Então, é uma tradição do poder público tentar ordenar inclusive o interior das casas?

O estabelecimento, por lei, de habitações decentes, como no Código de Posturas Municipais do Rio de Janeiro, exigia certas formas de edificação, como casas caiadas, com azulejos e ventilação. No entanto, uma lei não dá condições econômicas para que a população possa fazer o melhor. Aliás, durante a Revolta da Vacina, muitas das pessoas que moravam nos cortiços do Rio de Janeiro eram ex-combatentes de Canudos e ao perderem suas casas foram morar nos morros. Em Canudos havia um bastião dos jagunços, de Antônio Conselheiro, que foi muito difícil de ser conquistado: um morro que se chamava Morro da Favela. Então, o nome favela, que significa mandioca braba no linguajar dos jagunços, nasce aí. De um pedaço do sertão da Bahia, do Brasil profundo, na então capital do país e uma absoluta precariedade econômica.

A GENTE
MUDA COM AS
PANDEMIAS.
NESSE CASO,
SEMPRE HÁ UM
PROGRESSO
NOTÁVEL NA
CIÊNCIA

A reforma do Rio, empreendida pelo prefeito Pereira Passos, ecoava as largas avenidas de Paris, onde ele estudou e presenciou ações semelhantes feitas por Haussmann

(Georges-Eugène Haussmann, 1809-1891). Passos criou avenidas que cortaram os cortiços do centro antigo do Rio e dizia lutar contra o “caos insalubre”. Dados indicam um número decrescente de mortes por doenças, nesse período.

Essa reurbanização do Rio de Janeiro, meio haussmaniana, meio parisiense, e que transforma a cidade do ponto de vista arquitetônico numa pérola, ela foi acompanhada de uma exclusão sem precedentes de uma comunidade que podia menos. Aliás, essa é uma característica que acontece sempre que se faz o controle de pandemias: medidas autoritárias que vêm de cima para baixo. Por exemplo, na peste negra foram tomadas medidas de quarentena, confinamento, criaram-se espaços lazarentos. Famílias que tinham doentes eram mantidas dentro das próprias casas, isoladas e eram deixadas a morrer por conta própria. Sempre houve comissões com

poderes de ditar o rumo e alterar o rumo da cidade. Então, há situações em que é possível melhorar a condição de vida de uma população, mas não dela toda. Sempre haverá menos afortunados, aqueles que pagam o preço mais alto.

Ou seja, o urbanismo ainda não consegue atender à questão da saúde para todos nas grandes cidades?

Na verdade, urbanismo e saúde andam juntos. E muito da concepção, da reurbanização das cidades, foi feito no sentido de prover melhores condições de saúde numa época em que as vacinas eram poucas e não havia remédios efetivos. Mas, normalmente, quando se faz um projeto de urbanização, você marginaliza alguns segmentos da população. E não é por outra razão que as mortes por coronavírus em São Paulo não são homogêneas em suas regiões. Elas estão concentradas nos segmentos mais pobres: seja pelo adensamento populacional, pelo compartilhamento de um mesmo espaço por várias pessoas, e também porque essas pessoas, por vezes, têm que sair de suas casas, pegar transporte coletivo e trabalhar de forma intensa. Elas não têm resiliência econômica para poder suportar uma quarentena. Muitas trabalham de manhã para ganhar o almoço e trabalham à tarde para ganhar o jantar.

A capital paulista é um aglomerado de pessoas, de poucas praças e bastante verticalizada. São Paulo deveria derrubar áreas construídas para a feitura de espaços abertos, como Niemeyer sugeriu?

Difícilmente as cidades que adquirem um padrão construtivo reverterem esse padrão. Existem, em algumas cidades, movimentos de recuperação das áreas verdes. Isso acontece volta e meia, mas com muita luta. Como o Parque Augusta, que era para ser o local de um prédio comercial e teve que ser negociado do ponto de vista econômico e com um grande envolvimento da comunidade para ser um parque no Centro da cidade de São Paulo, onde poucos parques existem. Isso vem acontecendo mesmo nos bairros onde as áreas verdes não conseguem resistir porque uma das grandes indústrias que existe nas cidades brasileiras, especialmente em São Paulo, é a indústria da construção civil. Ela permanece, tem força e dá

empregos. Consequentemente, vamos ficar sempre no dilema entre a produção de riqueza e a melhoria da cidade. Em geral, a história de São Paulo mostra que nós privilegiamos a produção de riqueza. Só que essa riqueza, de novo, não é compartilhada por todos. O nosso solo é mais uma *commodity* do que um bem comum.

Que impacto o *home office*, adotado por várias empresas, pode gerar sobre morar na cidade?

A gente muda com as pandemias. Nesse caso, sempre há um progresso notável na ciência. Há também, digamos, uma mudança interna, pois voltamos a refletir sobre o que é importante para nós. O que é essencial? Do que nós, de fato, sentimos falta? Aquilo que a gente fazia era importante? Seguramente, o trabalho e a educação vão mudar. O advento das reuniões virtuais por computador, que era uma barreira cultural, passa a ser frequente mesmo na universidade. Eu, por exemplo, tinha que falar em muitos lugares e insistia em fazer defesas de tese a distância. É lógico que não é o ideal, mas há uma praticidade nisso. E mesmo as universidades no exterior disseram que não vão voltar plenamente às atividades presenciais e vão fazer muitos dos cursos de forma semipresencial. Acho que isso vai acontecer também com o mundo do trabalho: os escritórios vão diminuir de tamanho, a pressão sobre os meios de transporte vai diminuir e você pode, em alguns casos, não morar próximo do trabalho. A gente jamais conseguiu distribuir o emprego na cidade e talvez agora seja possível fazer com que o emprego chegue até a nossa casa. Creio que com isso, embora exista uma impessoalidade, vai melhorar muito, digamos, a condição de alguns trabalhadores que gastavam horas no ir e vir, perdendo tempo para cuidar de si, para encontrar pessoas que gostam, para investir em si. Enfim, nós temos que mudar até a educação para esse novo cenário, porque o trabalho vai incorporar certas habilidades que muitos de nós tivemos que aprender de improviso e acho que isso não vai ter volta.

JAMAIS
CONSEGUIMOS
DISTRIBUIR
O EMPREGO
NA CIDADE E
TALVEZ AGORA
SEJA POSSÍVEL
FAZER COM QUE
O EMPREGO
CHEGUE ATÉ A
NOSSA CASA

É IMPORTANTE
QUE SE TENHA
CONDIÇÃO E QUE
SE INCORPORE A
HIGIENE PESSOAL
COMO UMA FORMA
DE PREVENÇÃO
DAS PANDEMIAS



Paulo Salfaja

O espaço acaba moldando o homem. O ser urbano se acostumou a viver em espaço restrito. Acredita que o paulistano passe a cobrar do poder público melhores calçadas, mais praças, menos carros, melhor transporte?

Se houver essa mudança, talvez sobre espaço para a gente ter aquela cidade da utopia, a cidade que nós sonhamos. Uma São Paulo que privilegie calçada, que privilegie transporte ativo e que funcione como ponto de encontro não só para o trabalho, mas para o lazer. O encontro é fundamental para a vida urbana. Ao colocar muitas pessoas juntas, é lógico, trocamos muitos microorganismos, pioramos

o saneamento e ganhamos as febres. Mas temos também o que a gente chama de civilização. A criatividade foi manifesta. A troca de experiências entre as pessoas fez com que nós construíssemos, por exemplo, templos, até mesmo catedrais, a partir de cálculos. Permitiu que a gente tivesse chance de fazer aquilo que não era eminentemente necessário para nossa sobrevivência física, mas para a elevação do espírito. Vamos ver se isso acontece agora. A partir de uma lição dada por uma estrutura trágica, dura, impiedosa, desigual, mas eloquente, uma estrutura que nem viva é, e que tem ao redor de 100 nanômetros de tamanho. Esse vírus pôs a nossa forma de entender o mundo e as cidades de joelhos. Vamos ver quando a gente se levantar para que estatura nós vamos levar esses ambientes que são a fonte, pelo menos para mim, que sou um aficionado pelas cidades. Tomara que ela melhore depois disso. ■



É logo ali!

RESTRIÇÃO DE CIRCULAÇÃO
VIVIDA ATUALMENTE
TRANSFORMA A RELAÇÃO
DAS PESSOAS COM
O BAIRRO ONDE MORAM

A cidade de São Paulo encolheu. Não literalmente, claro. Mas essa é a impressão que os moradores da capital passaram a ter assim que começou a medida de isolamento social para contenção da Covid-19. Restrita ao ambiente doméstico, a população redescobriu ou passou a conhecer o bairro onde mora para acessar, com mais segurança e rapidez, alimentos, remédios, livros ou mesmo pequenos serviços. Tanto que, segundo a pesquisa *Viver em São Paulo: Especial Pandemia*, realizada pela Rede Nossa São Paulo em parceria com o Ibope Inteligência, de 18 a 28 de julho, entre as principais mudanças causadas pela pandemia está a relação das pessoas com os arredores do próprio lar.

Entre os internautas entrevistados, das classes A, B e C da capital paulista, 45% responderam que passaram a dar mais valor ao comércio e aos prestadores de serviços locais. Além disso, 32% disseram prestar mais atenção aos serviços públicos disponíveis e aos que faltam no bairro e 19% começaram a caminhar mais pelas ruas próximas à sua casa. Apenas um terço dos entrevistados afirmaram que nada mudou na relação com as imediações durante a pandemia.

Ação da organização Pertim: iniciativa social que propõe ser ponte entre pequenos produtores e consumidores em São Paulo



Adriana Vichi

45% dos entrevistados na capital paulista disseram dar mais valor ao comércio e aos prestadores de serviços locais, segundo pesquisa realizada pela Rede Nossa São Paulo em parceria com o Ibope Inteligência

Para entender essa nova relação, o antropólogo José Guilherme Magnani, professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), recorre à perspectiva da Antropologia Urbana. “A dinâmica da cidade é feita pela prática dos moradores. Ou seja, a cidade não é dada de uma maneira fechada. Ela é o resultado das parcerias, das trocas, das alianças e dos percursos que os moradores fazem”, explica. E, se longos percursos foram substituídos por percursos mais restritos, “é como se a cidade tivesse se encurtado”, observa. “Ela continua com o mesmo tamanho, mas o uso feito pelos moradores é diferente e isso faz com que haja uma valorização dos espaços mais próximos.”

Outro laço que se reforça nessa relação próxima com o bairro é o sentimento de pertencimento. “Você começa a valorizar o espaço onde passa seu

cotidiano. Estou vendo no meu próprio bairro, caminho, de vez em quando, com todo o cuidado, e começo a observar, por exemplo, o jardim das casas, a maneira como as pessoas cuidam do seu patrimônio”, acrescenta Magnani. “Claro que temos que levar em conta a desigualdade estrutural da sociedade, porque a pandemia só colocou às claras as dificuldades que grande parte das pessoas tem, quem mora em ambientes inóspitos.”

Todos ganham

Esse reconhecimento do território também valoriza o comércio, os prestadores de serviço, feiras, praças e outros equipamentos da vizinhança. Nesse cenário, desabrocham iniciativas de empresas e ações sociais de apoio ao comércio e serviços de cada região. Aplicativos de entrega de comida, por exemplo, sugerem restaurantes, padarias e mercados a uma distância de no máximo três quilômetros da sua casa, com a vantagem de redução do tempo de entrega e, muitas vezes, isenção de taxa.

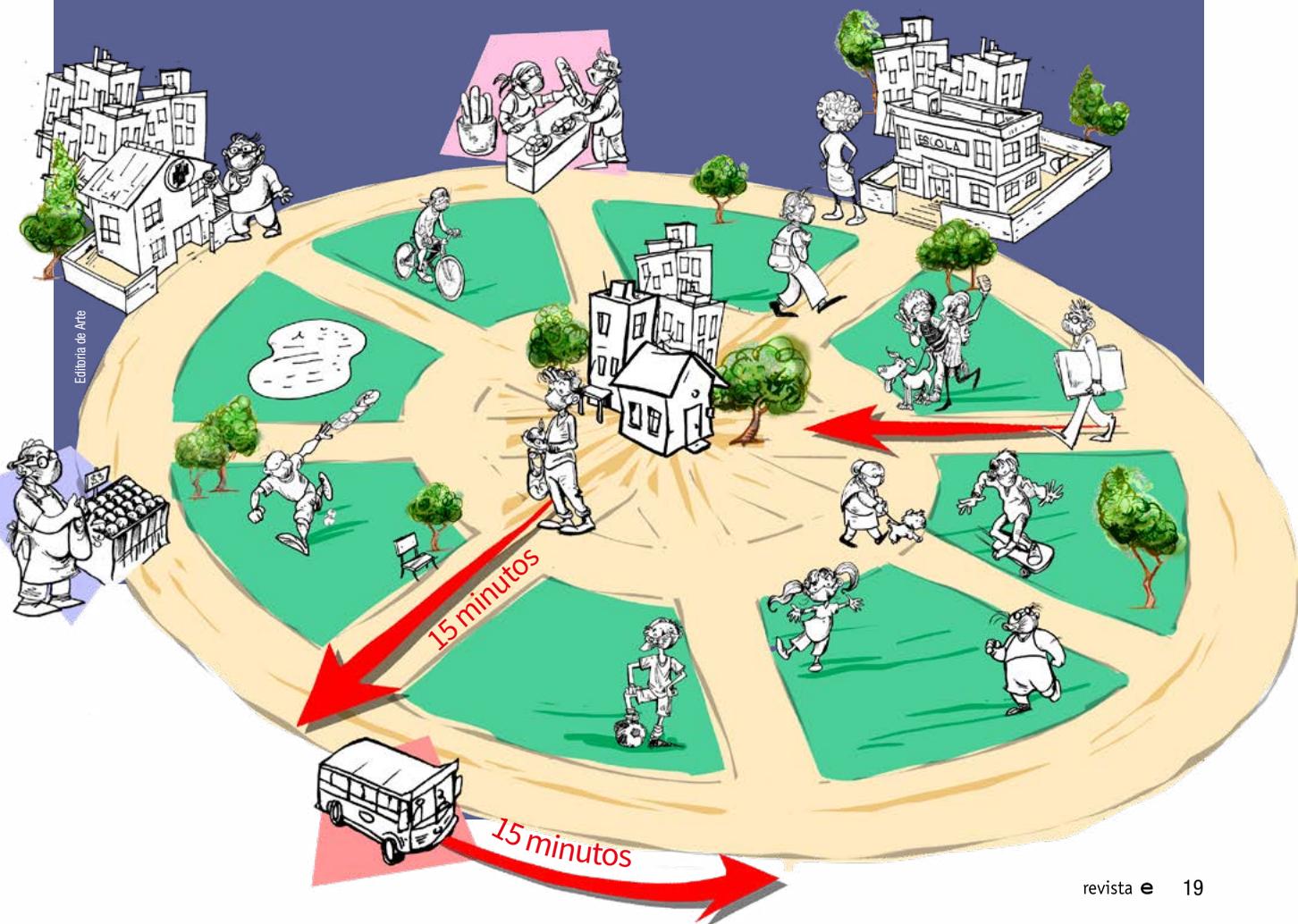
A pé ou de bicicleta

PROPOSTA DE BAIROS ONDE COMÉRCIO, SERVIÇO E LAZER ESTÃO
A POUCOS MINUTOS DE CASA PODE SER O FUTURO DAS GRANDES CIDADES

Criado pelo professor e especialista em cidades inteligentes Carlos Moreno, professor da Universidade Paris-1 Sorbonne, o conceito de “cidade a 15 minutos” pode se tornar presente em diversas metrópoles, principalmente diante dos desafios impostos pela pandemia. Uma ideia que consiste, segundo depoimento do professor, em redescobrir o bairro para que a cidade não seja socialmente segmentada. A proposta foi apresentada pela prefeita de Paris, Anne Hidalgo, no começo deste ano, e consiste na criação de áreas de uso misto. Ou seja, espaços onde é possível habitar, trabalhar, consumir, usufruir de espaços culturais e jardins, sem precisar se transportar a longas distâncias.

Bairros onde poderíamos nos locomover a pé ou de bicicleta para realizar atividades que hoje nos tomam horas de metrô, ônibus ou carro. Uma vizinhança equipada por áreas verdes, comércio, prestadores de serviço, escola, ambientes de coworking, postos de saúde, espaços para fruição cultural, entre outros equipamentos essenciais. “Bem diferente das ‘zonas estritamente residenciais’ de São Paulo, onde é necessário o carro até para chegar à padaria mais próxima (de bairros em franco despovoamento, do Morumbi ao Pacaembu)”, escreveu em sua coluna na *Veja São Paulo*, Raul Juste Lores, autor de *São Paulo nas Alturas* (Três Estrelas, 2017) (leia o [Encontros](#) com o escritor e jornalista sobre arquitetura e urbanismo).

Imaginamos como seria um bairro em São Paulo, aos moldes da “Paris a 15 minutos”.





Pixabay

Pequenos produtores estreitam laços com os consumidores por meio de ações coletivas promovidas no bairro

No caso de iniciativas da sociedade civil, há exemplos como o da organização **Pertim**, que propõe ser ponte entre pequenos produtores (de Morungaba, Itatiba, Jaguariúna, Campinas e região) e consumidores (de Morungaba, Jundiá, além de Centro e Zona Norte da cidade de São Paulo). “A gente tem reparado que fomentar o consumo local, principalmente no âmbito da agricultura, é muito importante para os agricultores se conhecerem e conhecerem seus próprios consumidores, bem como fortalecer a economia da região”, explica a gestora Julia Camargo, responsável pelo contato com os produtores e a montagem das cestas da Pertim.

Além disso, Julia ressaltava o impacto tributário dessa ação, “na medida em que o ICMS [*Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços*] fica para o próprio município”. Mais importante ainda são

as vantagens para o meio ambiente. “Porque há uma pegada de carbono menor [*medida que calcula a emissão de carbono equivalente emitida na atmosfera por uma pessoa, atividade, evento, empresa, organização ou governo*], assim como um impacto logístico menor para o agricultor, que não precisa vender a qualquer preço com medo de perder sua produção”, esclarece.

Consumo responsável

Enxergar o consumo como uma efetiva atitude para a transformação social e exercício da cidadania é outra consequência desse cenário de pandemia. É aí que entra a importância dos grupos de consumo responsável. Iniciativas de quem busca realizar suas escolhas baseadas em critérios éticos, políticos, sociais e ambientais, criando relações mais próximas com aqueles que produzem.

“Em geral, esses grupos viabilizam semanalmente cestas de hortaliças e outros produtos locais, produzidos

Redes de apoio

AÇÕES FOMENTAM PROJETOS SOCIAIS EM COMUNIDADES ONDE ATUAM UNIDADES DO SESC SÃO PAULO

Em São Paulo, o Sesc realiza uma programação permanente voltada aos pequenos empreendedores e projetos sociais onde as unidades estão inseridas. São ações formativas promovidas ao longo do ano e mostras nas quais é possível conhecer presencialmente produções de grupos que atuam a partir de critérios socioambientais em cada território.

“O Sesc tem realizado um trabalho educativo junto a coletivos, cooperativas e pequenos empreendedores para fortalecer sua atuação localmente e em rede. As programações têm discutido a importância do consumo local e das atividades econômicas que têm impacto positivo no desenvolvimento das comunidades”, explica Midiã Claudio, assistente da Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc.

Com a pandemia, essas ações ganharam outros formatos. “Há uma continuidade da divulgação dessas iniciativas, algumas vinculadas à economia solidária, além da realização de cursos virtuais voltados para esses grupos e projetos a partir das demandas sociais identificadas em cada região”, complementa Midiã Claudio. Conheça algumas ações realizadas pelas unidades do Sesc São Paulo em comunidades onde atuam:



Wagner Martins dos Santos Junior

Ipiranga

As ações do Sesc Ipiranga com a Rádio Comunitária de Heliópolis tiveram início no projeto Sesc Verão 2020, em janeiro, e seguem desde então. Neste período de isolamento, foi criada uma série de bate-papos e entrevistas ao vivo, transmitidas por meio das plataformas digitais e redes sociais tanto da unidade quanto da Rádio Heliópolis. Na programação do dia 28/9, o tema é *Corrida de Rua como Fenômeno Cultural e Social*, com Renato Mendes, do coletivo Corre Helipa, sobre estrutura, formação do grupo, gestão e organização de eventos. Também entra na pauta o projeto *Entre Sesc – Vou de Tênis*, que aborda o uso da cidade e a mobilidade urbana. Acesse: www.sescsp.org.br.

Registro

O projeto *Sabão e Saberes* é uma ação realizada pelo Sesc Registro no município. Todo o sabão produzido com óleo de cozinha usado será doado ao Fundo Social de Solidariedade de Registro e direcionado às famílias atendidas pelos programas sociais. O uso do sabão é indicado para higienização das mãos, auxiliando na prevenção do novo coronavírus, além de limpeza de louça e roupa.



Arlete Ferreira Mota



Consumo local e responsável pode resultar numa transformação econômica, social e cultural

sem agrotóxico, por agricultores familiares. A proposta não é apenas comercializar, e os grupos promovem também espaços educativos, de práticas cidadãs e de encontro”, explicou a gestora de projetos do Instituto Kairós, Thais Mascarenhas, em entrevista à *Revista E*, para a matéria [Inclusão Produtiva](#).

Para a agricultora urbana Terezinha dos Santos Matos, que participou do debate [Redes de Agroecologia e os Grupos de Consumo no Contexto da Pandemia](#), em agosto, pelo Sesc Ideias, ações como essa estão gerando muitos frutos. “As vendas dos produtos aumentaram. Enquanto para outros se fecharam portas, para nós, da agricultura, portas se abriram. Por outro lado, o custo aumentou muito na agricultura para reforçar cuidados (manuseio e embalagem)”, conta.

Seja local

Nessa relação de conhecer seu bairro e comprar de empreendedores locais ganham também pequenos prestadores de serviço, como o sapateiro, a costureira, o artesão, entre muitos outros. Para o antropólogo José Guilherme Magnani, “é quase como se fosse uma volta à antiga relação do escambo e da troca: você sabe com quem está trabalhando”, considerando fatores como o impacto social, econômico e ambiental da fabricação ao transporte e entrega daquele produto.

Será que mesmo depois da pandemia, comportamentos e ações comprometidas com a vizinhança irão persistir? “Acho que sim, porque são valorizados, por exemplo, os serviços e as ofertas que são feitas no interior desse pedaço mais restrito, que exige menos pessoal para trabalhar, menos insumo, menos equipamentos”, diz Magnani. “Não tem aquela dimensão das grandes empresas. Isso começa a ser reconhecido e estabelece um novo pacto entre as pessoas do mesmo bairro.” ■

CPT _ SESC CENTRO _ DE _ PESQUISA _ TEATRAL

A partir de setembro,
em ambiente digital.

Seminários, cursos,
ateliês, exposições
e outras atividades.

Acompanhe a programação:
sescsp.org.br/cpt





Moacir Gomes / Acervo Tom Jobim / Instituto Antônio Carlos Jobim / Jobim Music



Entre amigos

A PARCERIA DE TOM E VINICIUS
RENDEU ALGUMAS DAS MAIS
BELAS COMPOSIÇÕES DA
MÚSICA BRASILEIRA

O cenário é um só: a cidade do Rio de Janeiro. Os bairros, em áreas diferentes: Vinicius na Zona Sul, no Jardim Botânico, próximo ao cartão-postal do Cristo Redentor; e Tom, na Tijuca, onde a tradição, a urbanidade e a Floresta da Tijuca identificam a Zona Norte. A falta de cerimônia em tratá-los assim, sem a garantia do sobrenome, tem explicação: afinal, é fácil se sentir meio íntimo dessa dupla... E deixar-se embalar pela amizade e pelas canções dos dois.

A história do início de uma das parcerias mais reverenciadas da música brasileira é conhecida. Vinicius de Moraes (1913-1980) e Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994) reuniram-se em 1956 para moldar a quatro mãos a trilha sonora de *Orfeu da Conceição* (*leia bastidores no boxe Por trás das canções*), peça que juntou ainda outros mestres, como Oscar Niemeyer, responsável pelo cenário, e os artistas Carlos Scliar e Djanira da Motta e Silva, criadores dos cartazes. Entre outras qualidades, o espetáculo exibido no Theatro Municipal do Rio de Janeiro foi um marco nas artes cênicas por incluir pela primeira vez, no elenco, atrizes e atores negros do Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento. Estrelas como Haroldo Costa, Ademar Pereira da Silva, Ruth de Souza e o próprio Abdias.

Tom e Vinicius na rua Barão da Torre, Ipanema, Rio de Janeiro, na década de 1960.

SEM TRADUÇÃO

Presidente do Instituto Antônio Carlos Jobim, Aluísio Didier afirma que o encontro do talento de Vinicius e de Tom impactou a tradição sonora brasileira e, desde então, influências ecoam modernamente. No caso, a qualidade das canções líricas, “dignas de um Schubert brasileiro”, e da bossa nova, “surgida em 1959, na interpretação de João Gilberto, que percebera nas músicas de Tom e Vinicius o que vinha procurando”, explica. Versátil, a bossa nova recebe arranjos, combina estilos do clássico ao rock e alcança diferentes públicos e gerações. Nessa onda, a parceria entre Tom e Vinicius é sempre renovada em prestígio e admiradores, no Brasil e no exterior.

As canções da dupla são sucesso há anos no Japão, em países europeus e nos Estados Unidos. A terra do Tio Sam abraçou a fusão da bossa nova com o jazz. Parte dessa mítica união está no encontro entre Tom Jobim e Frank Sinatra (1915-1998), que pode ser apreciado em *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim* (1967). Disco premiado pela crítica norte-americana, foi alçado ao topo dos bambas. No ano de seu lançamento, foi o segundo mais vendido nos Estados Unidos, atrás apenas de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles. O convite para a gravação veio do próprio Sinatra, em telefonema recebido no Bar Veloso, localizado no bairro de Ipanema e frequentado por Tom. A passagem é contada minuciosamente pelo jornalista e escritor Sérgio Cabral, na biografia *Antonio Carlos Jobim* (Lazuli, 2006). ▶

EU QUIS AMAR MAS TIVE MEDO
E QUIS SALVAR MEU CORAÇÃO
MAS O AMOR SABE UM SEGREDO
O MEDO PODE MATAR
O SEU CORAÇÃO

Água de Beber, 1963



Por trás das canções

CURIOSIDADES QUE CERCAM ALGUNS CLÁSSICOS DA DUPLA

Orfeu da Conceição (1956): Desde a década de 1940, Vinicius de Moraes ruminava a ideia de transportar o Orfeu da mitologia grega para uma favela carioca por meio de uma peça teatral. A estreia aconteceu no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. E foi por causa de *Orfeu da Conceição* que o veterano Moraes, à época com 43 anos de idade, iniciou sua parceria com Tom Jobim, um jovem de 29. Foram apresentados pelo crítico Lúcio Rangel. Vinicius convidou Tom para que, juntos, compusessem a trilha sonora da peça. Lisonjeado com o convite, mas “apertado” financeiramente por aqueles tempos, não teve pudores para perguntar ao poeta e diplomata: “Tem um dinheirinho nisso aí?”. Lúcio Rangel não pôde esconder o constrangimento. Mas a parceria deu frutos. E dos mais doces e saborosos.

Garota de Ipanema (1962): Havia uma primeira versão que para a dupla teria por título *Menina que Passa*. A letra foi composta em Petrópolis (RJ) por Vinicius, e a melodia em sua casa, no bairro de Ipanema. Alguns versos da composição diziam: *Quando na tarde vazia / Tão linda no espaço / Eu vi a menina / Que vinha num passo / Cheio de Balanço / Caminho do mar...* A dupla de autores acabou rejeitando o trabalho. A segunda e definitiva versão foi inspirada em Helô Pinheiro (Heloísa Eneida Menezes Paes Pinto), que, com 17 anos, passava, diariamente, em frente ao Bar do Veloso, no bairro de Ipanema, a caminho da praia. A primeira gravação, no Brasil, coube ao cantor Pery Ribeiro, em 1962. No mês de março de 1963 a composição ganhou versos em inglês de Norman Gimbel, passando a ser denominada *The Girl From Ipanema*, e foi gravada em Nova York pela cantora Astrud Gilberto (em inglês), com o seguinte time de músicos: João Gilberto (violão), Tom Jobim (piano), Stan Getz (saxofone tenor), Tommy Williams (contrabaixo) e Milton Banana (bateria). Daí para a frente, tornou-se um sucesso mundial arrebatador: na França, *La fille d'Ipanema*, com a cantora Jacqueline François; na Itália, *La Ragazza di Ipanema*, com a cantora Mina Mazzini; na Finlândia, *Ipaneman Tyttö*, com a cantora Laila Kinnunen. E mais uma curiosidade: Flavio Fonseca e Alejandro Cossavella gravaram *Knabino el Ipanema* – pasmem –, em esperanto.

Água de Beber (1963): Em meio ao projeto de construção de Brasília, o presidente da República Juscelino Kubitschek faz um convite a Vinicius e Tom para passarem uma temporada na futura capital do país, a fim de se inspirarem a compor uma sinfonia que seria apresentada no dia da inauguração da cidade (a obra ganhou o título de *Sinfonia da Alvorada*). Juscelino mandara construir uma espécie de palácio de madeira, o qual foi apelidado de Catetinho. Próximo a ele havia um córrego. E, numa noite, caminhando ao lado do tal curso d'água, Tom Jobim pergunta a um dos trabalhadores da construção se aquela água poderia ser bebida. E a resposta foi direta: é água de beber, sim, senhor, camará. Nascia ali o samba que, além de inúmeras gravações de artistas brasileiros, foi registrado por Frank Sinatra.

Fonte: Omar Jubran, professor e pesquisador musical, que realiza programas especiais para a Rádio USP FM, além de produzir e apresentar, na mesma emissora, o programa semanal *Olhar Brasileiro*.



A parceria entre esses dois grandes artistas floresceu em 50 composições de samba e bossa nova



Jader Alves / Acervo Tom Jobim / Instituto Antônio Carlos Jobim / Jobim Music

Em visita a Brasília, nos anos 1960: Tom e Vinicius compuseram a “Sinfonia da Alvorada”, encomenda do presidente Juscelino Kubitschek para a inauguração da nova capital do país

► Ao que parece, a união dessas duas personalidades distintas não resultou em um caldo tão harmonioso quanto a amizade musical entre Tom e Vinicius, que durou até a morte do Poetinha, em 9 de julho de 1980. *Garota de Ipanema*, composição célebre da dupla e cantada por Sinatra, com Tom ao violão, em registro fácil de encontrar no [YouTube](#), acena aos rapazes de Liverpool novamente: a Editora do Grupo Universal, responsável pela averiguação da comercialização, informa que a música é a segunda canção mais executada do mundo, “perdendo – apenas – para *Yesterday*, de John Lennon e Paul McCartney”, confirma o professor e pesquisador musical Omar Jubran.

Aluísio Didier menciona que a obra deixada por ambos é objeto de estudo em universidades americanas “pela arquitetura dos contrapontos, harmonias, pelo bom gosto de suas melodias e pelo ritmo da bossa nova, introduzido por

TOMZINHO QUERIDO,
VOCÊ JÁ PASSOU UM 7 DE
SETEMBRO, TOMZINHO, SOZINHO,
NUM PORTO ESTRANGEIRO, NUMA
NOITE SEM QUALQUER PERSPECTIVA?
É FOGO, MAESTRO!

De Vinicius de Moraes a Tom Jobim,
Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

PORQUE O AMOR É A

COISA MAIS TRISTE

QUANDO SE DESFAZ

Amor em Paz, 1961

João Gilberto em síntese com suas composições”. Nesse fluxo entre o Brasil e o exterior surge a bossa nova, e temos *Chega de Saudade*, música de autoria de Tom e Vinicius que, em 1959, deu nome ao LP homônimo considerado o fundador do estilo, lançado por João Gilberto, outro nome estelar que conecta o país ao radar sonoro mundial.

SAUDADES DE VOCÊ

Na opinião de Georgiana de Moraes, filha de Vinicius que também enveredou pela música – Georgiana é cantora –, o trabalho com Tom foi decisivo na vida profissional e pessoal do pai. “As canções da parceria com Tom tornaram o reconhecido

poeta Vinicius em compositor popular de enorme sucesso nacional e internacional. Em poucos anos, a dupla viu sua obra conquistar o mundo. Um período relativamente curto (entre 1956 e 1962), mas de enorme intensidade”, avalia.

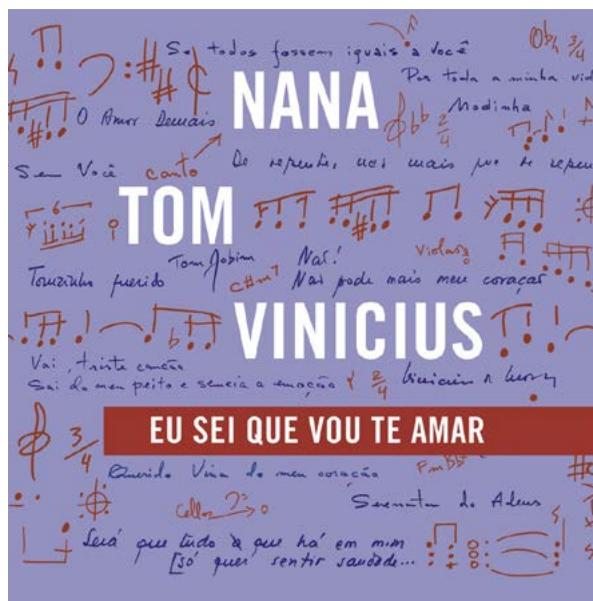
Após a sucessão de composições, a carreira de ambos seguiu trilha particular. O reencontro aconteceu em 1977 e virou um disco ao vivo, registrado no show *Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha*, gravado no Canecão, tradicional casa de espetáculos do Rio de Janeiro.

O resultado dos anos de encontros e desencontros desses grandes artistas? Quase 50 canções, de samba e bossa nova até o poema sinfônico *Sinfonia da Alvorada* (1961), encomenda do presidente Juscelino Kubitschek para a inauguração de Brasília. “Eram, além de parceiros musicais, grandes amigos”, confirma Georgiana. Com saudade do amigo, Tom Jobim escreveu em 1977: “Meu Vinicius de Moraes, não consigo te esquecer. Quanto mais o tempo passa, mais me lembro de você. Cadê meu Poetinha? Cadê minha letra, cadê? E morro neste piano, de saudade de você”.

Eles por ela

COM DIREÇÃO MUSICAL DE DORI CAYMMI,
DISCO TRAZ MÚSICAS DE TOM E
VINICIUS NA VOZ DE NANA CAYMMI

Nana Caymmi desbrava lindamente as composições da dupla de amigos em *Nana, Tom, Vinicius* (Selo Sesc, 2020), revelando o entrosamento musical histórico entre as famílias Caymmi e Jobim. As releituras ressoam a produção cuidadosa: *Eu Sei que Vou te Amar*, *Soneto da Separação*, *Canção do Amor Demais*, *Valsa de Eurídice* e *As Praias Desertas* são algumas das 12 faixas que compõem o disco gravado com a participação de instrumentistas brasileiros e da Orquestra Filarmônica de São Petersburgo, a mais antiga orquestra russa. Além de cuidar da direção musical, Dori Caymmi, irmão da cantora, também toca violão e é autor dos arranjos das versões interpretadas por Nana. O disco pode ser ouvido gratuitamente na plataforma Sesc Digital: <https://sesc.digital/colecao/45665/nana-tom-vinicius>.



Divulgação

Criação sem amarras

REPRESENTATIVIDADE E CONEXÃO EXPANDEM

PERCEPÇÕES SOBRE A ARTE NAÍF NO BRASIL

A cultura brasileira compreende múltiplas e diversas manifestações artísticas de caráter popular – a arte naif é uma delas. O termo, que no passado remetia à produção dita de perfil “ingênuo” ou “espontâneo”, hoje se apresenta mais amplo, no cerne de práticas criativas complexas – e responde a questões sociais contemporâneas. Cada vez mais presente em museus e galerias, o trabalho desses artistas é, de antemão, legitimado por sua própria prática.

Projeto contínuo, voltado para o reconhecimento dessa produção, a *Bienal Naifs do Brasil* chega à 15ª edição (nas próximas páginas, veja algumas das obras premiadas neste ano) revigorada pela conexão em rede. As inscrições online, no final do ano passado, permitiram um maior alcance ao território nacional e representatividade. Realizada anualmente de 1986 a 1991 no Sesc Piracicaba e, desde 1992, em formato bienal, a mostra este ano tem curadoria de Ana Avelar e Renata Felinto, e leva o título *Ideias para Adiar o Fim da Arte*, uma referência direta a reflexões dos pensadores Ailton Krenak e Arthur Danto.

CORES FORTES

Grafismos, pinturas corporais e símbolos mitológicos se harmonizam no trabalho de Sânipã, uma das artistas selecionadas para a Bienal. Nascida em 1979, é a primeira indígena da etnia Apurinã a se profissionalizar nas artes visuais, no ano de 2005. “Mostro, através da minha obra, a exposição de uma cultura desconhecida e uma estética que é original do meu povo.

Não resgato a memória, eu trago a vida dos povos indígenas”, diz. Isolada no interior do Amazonas, por conta da Covid-19, a declaração de Sânipã ocorreu com a intermediação do jornalista Carlysson Bastos Sena.

Shila Joaquim, pintora *naif* nascida em Ribeirão Preto e residente em São Mateus (ES), também integra a seleção de artistas participantes. Ela destaca a popularização das redes sociais e a articulação dos criadores para produzir eventos independentes e explorar outros meios de comercializar sua produção. “A diversidade se abriu a outros temas que contribuem para uma nova postura dos artistas”, observa. ■

O renascimento de Luzia ►

Paulo Mattos

Acrílica sobre madeira

TAMBÉM NO DIGITAL

Passado e presente em programação e acervo virtual

A 15ª edição da Bienal Naifs do Brasil, que abriria ao público no mês de agosto no Sesc Piracicaba, teve a visitação presencial adiada em razão da pandemia. Mas ações *online* conectam passado e presente da mostra. Nesta edição, foram 980 obras inscritas de 530 artistas – de 19 a 87 anos de idade – dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal. Ainda no ambiente virtual, é possível visitar o acervo e catálogos de mostras anteriores. Saiba mais em: www.seccsp.org.br/bienalnaifs.



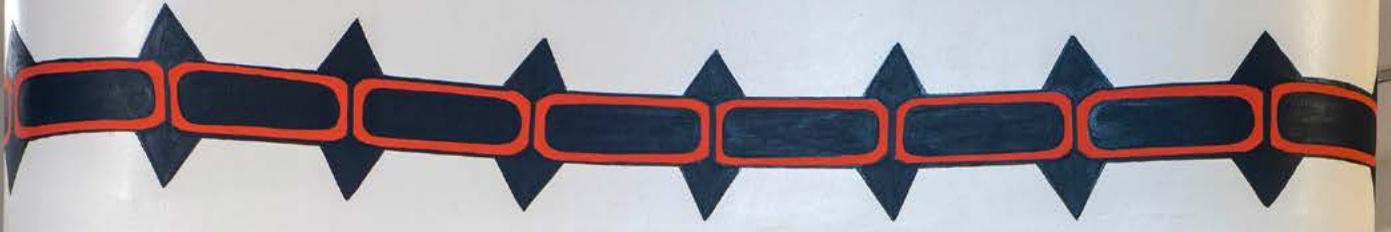
Foto: Paulo Peres Munhoz



Estrelita Matherus

O martírio de Nossa Senhora do Brasil
Shila Joaquim
Acrílica sobre tela

Totem Apurinã Kamadeni ▶
Sãoipã
Instalação







*Manto tropeiro: um breve olhar
do caminho das tropas*
Angeles Paredes e Carmem Kuntz
Desenho, aquarela e bordado livre

Brincantes do imaginário
Valdeck de Garanhuns
Escultura



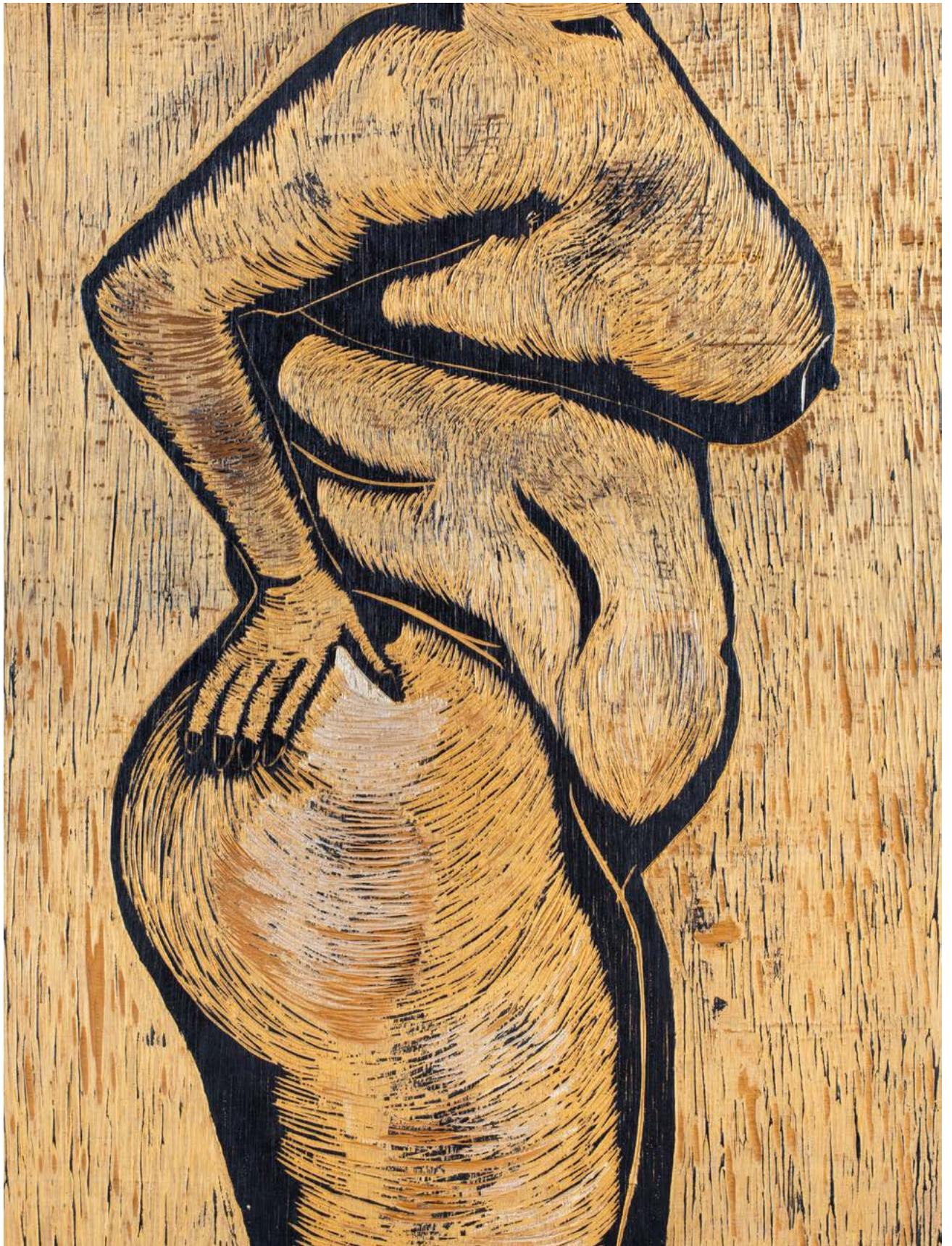
◀ *Comadre Fulosinha dá a luz depois de
degolar o caçador que a engravidou*
Eriba Chagas
Óleo sobre tela





Esperança em pedaços
Chavonga
Acrílica sobre tela

*Em busca de uma liberdade
que ainda não raiou*
Con Silva
Acrílica sobre tela





É óleo no mar...
Alcides Peixe
Acrílica sobre chapa de
raio-X e elementos em
plástico e madeira

◀ *Gorda*
Soupixo
Matriz de xilogravura

Alma da estrada
Thiago Nevs
Pintura/objeto





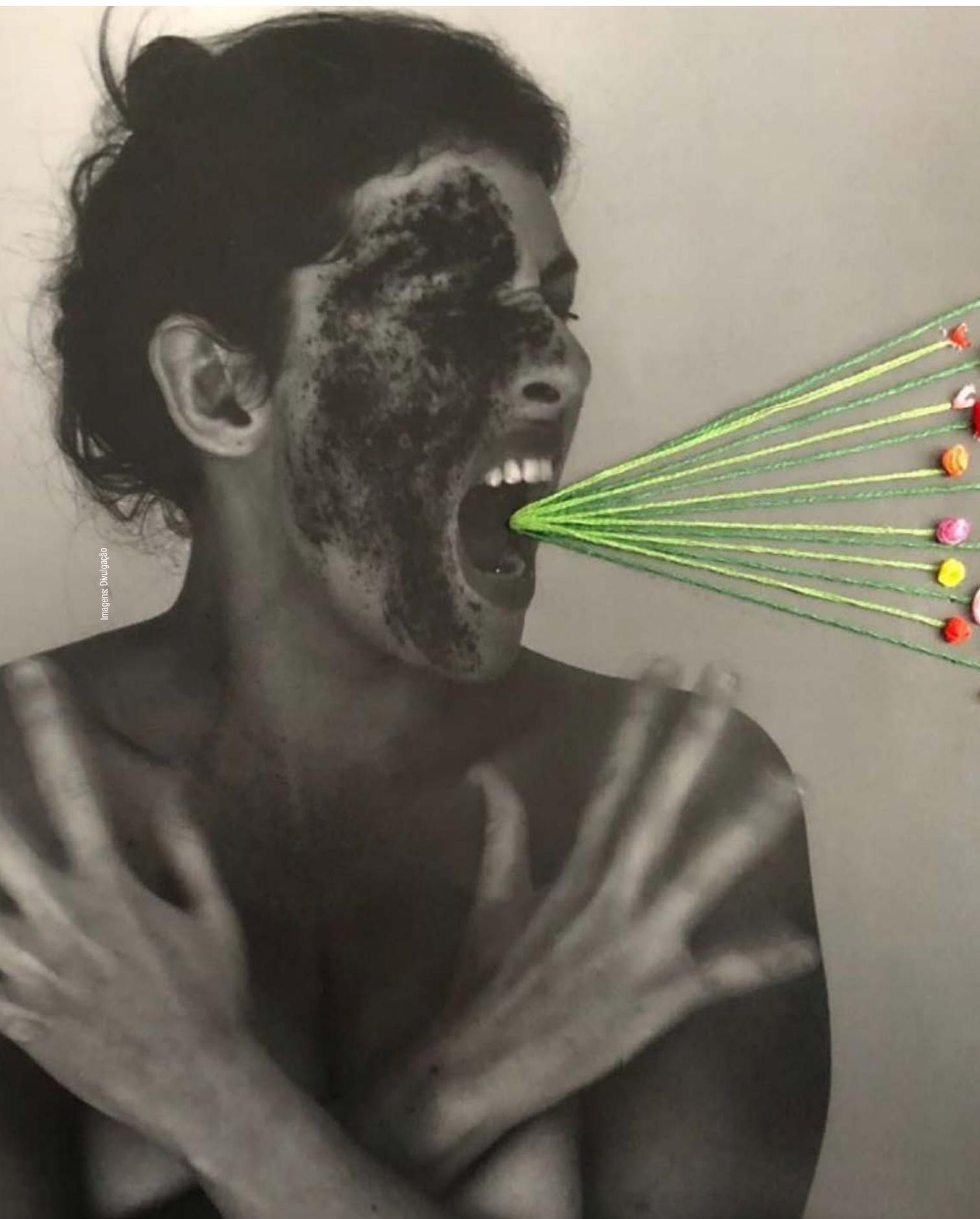
Dia a dia de Finoca
Zila Abreu
Bordado livre



Vazante
Eri Alves
Crochê



Jandira #33
Hellen Audrey
Renda nhanduti,
crochê e macramê



Imagens: Divulgação

Cápsulas do PRESENTE

PRODUÇÕES E NARRATIVAS SOBRE A PANDEMIA COMPARTILHADAS
NA INTERNET COMPÕEM UM ACERVO PARA O FUTURO

Pensamos, escrevemos, compomos, costuramos, fotografamos uma nova rotina criada pelo novo coronavírus. Qualquer suporte ao nosso alcance acaba ganhando a essência de um diário, onde registramos sentimentos, expectativas e impressões. Compartilhado na internet, esse material poderá, futuramente, servir como documento de uma época. Seja ele um filme, uma canção, uma peça, uma história em quadrinhos, uma frase. Estamos todos, neste exato momento, produzindo algo que poderá ser registrado em livros de História.

Isso porque, “a produção artística e acadêmica, a vida familiar, tudo isso está sendo mediado por plataformas digitais”, observa a pesquisadora e artista Giselle Beiguelman, professora livre docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Estéticas da Memória no Século 21. Ou seja, “essa rotina de se apropriar da internet como espaço confessional, digamos, é característica do cotidiano *online* pelo menos desde o começo do ano 2000, com a popularização das webcams, depois de blogs e redes sociais”, explica.

No cinema, o diretor escocês Kevin Macdonald valeu-se dessa popularização com

A Vida em um Dia (2000), premiado com o Oscar de Melhor Documentário em 2000, e por isso repetirá a experiência de reunir vídeos caseiros em outro projeto colaborativo. Dessa vez, sobre a pandemia. Milhares de vídeos gravados em smartphones foram enviados por pessoas de todo o mundo no final de julho.

Aqueles que forem selecionados irão compor uma “cápsula do tempo”, termo que o diretor usou em entrevistas para se referir ao documentário *A Vida em um Dia – 2020*. O filme deve estrear em 2021 no Festival Sundance de Cinema e também será disponibilizado gratuitamente no YouTube. Outra produção cinematográfica que aspira entrar para a História – esta, sim, já disponível em plataforma *streaming on demand* –, *Feito em Casa* (2020) é composta por curtas-metragens realizados na quarentena por 17 diretores e diretoras de diversos países do mundo.

PARA O FUTURO

Paralelamente a essas produções artísticas impulsionadas por grandes produtoras, milhões de pessoas estão, cada uma a seu modo, compartilhando na rede os desafios que estão enfrentando durante a pandemia. O que, talvez, particularize nosso momento, segundo Giselle Beiguelman. “Nunca estivemos tão atrelados às telas como agora, num isolamento social.” Dessa forma, ela complementa, “a vida social como um todo migrou para o espaço online”.

Nessa vastidão de experiências e relatos transpostos para o ambiente virtual, quais entrarão para a História? Que narrativas vão contar ao futuro o mundo de hoje? Debruçados sobre essas perguntas, historiadores já se questionam sobre

Arte feita por Carolina Poltronieri publicada no Museu do Isolamento Brasileiro, perfil no Instagram que reúne imagens de trabalhos artísticos realizados durante e sobre a pandemia



Imagem do documentário colaborativo *A Vida em um Dia – 2020*, realização do diretor escocês Kevin Macdonald que almeja registro histórico

como peneirar a imensa quantidade de depoimentos, narrativas e expressões que estão sendo realizadas e publicadas em plataformas digitais.

O que ficará de herança para o futuro ainda é um enigma. Isso porque “a maior parte dessas ações estão sendo feitas em ambientes corporativos como o YouTube, que é do Google, como o Zoom, o Instagram e Facebook, e nós temos elementos para pensar, a partir de experiências anteriores, que a partir do momento em que (esses ambientes) deixam de ser um nicho de marketing conveniente, eles podem acabar e levar consigo todo o acervo que está aí”, pondera Beiguelman.

Organizações e iniciativas que assegurem a vida dessas produções, independentemente dos espaços corporativos onde elas foram realizadas e disponibilizadas, seriam uma saída. “A partir do momento que instituições, grupos sociais comprometidos com a ideia de constituição de uma legibilidade destes acervos se mobilizem, então, as coisas estão asseguradas. Senão, teremos, como sempre, uma enorme quantidade de depoimentos e de experiências online que se perdem na arquitetura de informação desses próprios meios – que não preveem buscas retroativas na sua maior parte – ou no próprio sucateamento destes espaços online”, acrescenta a pesquisadora e artista.

AQUI E AGORA

Enquanto não se sabe como será a formação e preservação desse acervo, mobilizações individuais e coletivas compartilham suas narrativas da pandemia. A exemplo do Museu do Isolamento Brasileiro, perfil do Instagram criado pela relações-públicas Luiza Adas. “Por ser apaixonada por arte, sempre enxerguei as obras como um registro do momento presente. Uma reflexão eternizada do aqui e agora”, explica Luiza.

Com mais de 80 mil seguidores, este perfil colaborativo reúne colagens, poesias, quadrinhos, grafites, fotografias e outras expressões artísticas feitas por criadores brasileiros durante a pandemia. “Não importa onde você esteja no país, as obras que lá estão podem ser vistas e apreciadas por qualquer um, construindo um sentimento de empatia e unificação em relação ao sentimento e a reflexão do outro”, afirma.

Mas foi a possibilidade de contar este momento histórico que moveu a criação do Museu do Isolamento. “Uma das coisas mais interessantes seria ter a possibilidade de produzir um registro artístico do momento que estamos vivendo a partir da arte. Inclusive, esse foi um dos aspectos que mais me animaram para criar a página: a possibilidade de usar a arte para eternizar sentimentos, acontecimentos, e reflexões nunca vividas antes pela humanidade”, acredita Luiza. ■

Memória em processo

DEBATES, REPORTAGENS, ARTIGOS, APRESENTAÇÕES TEATRAIS E MUSICAIS, ENTRE OUTRAS, AÇÕES FORMAM UM REGISTRO EM CONSTRUÇÃO

Memória é tudo aquilo que alguém retém na mente como resultado de suas experiências e, por ser seletiva, não é simplesmente um depósito de tudo que acontece. Sendo assim, qual o seu papel para a construção da História?

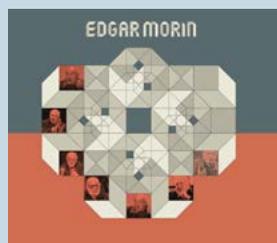
Em *História Falada: Memória, Rede e Mudança Social* (Sesc São Paulo / Museu da Pessoa / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006), a diretora do Museu da Pessoa, Karen Worcman explica que é a partir dos registros da memória que a História se articula. “Toda história é uma articulação de passagens que ficaram marcadas”, escreveu.

Em processo de construção, a memória dessa pandemia também é composta por reflexões de pensadores do nosso tempo. A exemplo do filósofo francês Edgar Morin, cuja vida e obra ganhou um novo site lançado pelo Sesc São Paulo, em agosto, reunindo um amplo acervo de entrevistas, artigos, palestras e conferências proferidas por Morin em suas constantes visitas ao Brasil. Outros pensamentos e criações também estão disponíveis, gratuitamente, nas plataformas digitais do Sesc São Paulo. Reflexões sobre saúde, alimentação, artes, educação e tantos outros temas caros para a compreensão das mudanças experimentadas hoje pela sociedade.

Responsável por coletar, organizar, guardar e viabilizar o acesso aos documentos institucionais para pesquisadores internos e externos, o Sesc Memórias dá seguimento a essas ações e ainda organiza o *Diários Afetivos*, projeto de compilação de registros espontâneos e de formatos variados (textos, fotografias, vídeos, ilustrações, composições, montagens etc.) produzidos por funcionários a partir da data de início do confinamento.

A ideia, segundo Marta Colabone, historiadora e gerente da Gerência de Estudos e Desenvolvimento, que coordena o Programa Sesc Memórias, é que resulte, literalmente, em um diário, montado a partir de memórias e reflexões de esperança. “A memória serve ao presente. Para o Sesc, é um valor, ocupa um lugar físico e virtual, constituindo um rico acervo de suas ações culturais. Apesar da efemeridade de nossos tempos, guardamos aquilo que nos faz sentido. É o respeito que dedicamos à nossa própria história”, explica.

Conheça alguns acervos do Sesc São Paulo:



Reprodução

SITE - EDGAR MORIN

A página sistematiza cronologicamente o rico itinerário de vida desse filósofo que, em julho, completou 99 anos. Além de vídeos, textos e bibliografia de uma profícua produção, destacam-se os momentos mais marcantes da vida de Morin em formato de história em quadrinhos. As palavras-chave da obra desse pensador também são apresentadas em forma de círculo poético, com animações sonorizadas que evidenciam a abrangência e a atualidade de suas reflexões.

Conheça: www.sescsp.org.br/edgarmorin

SESC DIGITAL

Nesta plataforma, visitantes podem acessar um acervo de registros sobre literatura, dança, arquitetura, esporte, tecnologia e outras categorias. Conteúdos em formato de áudio, vídeo, texto e imagem.

Experimente: www.sescsp.org.br/sescdigital



Reprodução



Alexandre Nunes

SESC MEMÓRIAS

Acervo de documentação, física e digital, das ações programáticas desde 1946. Para consulta e pesquisa, escreva para:

sescmemorias@sescsp.org.br.

YOUTUBE SESC SÃO PAULO

No canal é possível assistir às lives gravadas de produções teatrais, música, atividade física e conversas sobre alimentação, educação, saúde, turismo, lazer, entre outros temas, com especialistas e estudiosos.

Acesse: <https://youtube.com/sescsp>



Reprodução



Imagens: Editora de Arte

Outros horizontes para o turismo

Conhecer novos lugares e pessoas, vivenciar experiências fora do cotidiano, ver o que nunca foi visto, aprender ou simplesmente relaxar. Motivações que levavam milhões de pessoas a praticar o turismo em seu tempo de lazer. No entanto, viajar é uma de tantas ações adiadas para a contenção do novo coronavírus. Sendo assim, quais impactos comunidades e trabalhadores vêm sofrendo em decorrência dessa pausa? Que mudanças surgirão a partir dessa crise? E quais possibilidades se abrem para dar novos significados ao ato de viajar? Essas foram algumas questões levantadas durante a *Semana Virtual de Turismo para Todos, Solidário e Sustentável*. Neste ano, a iniciativa realizada pela Organização Internacional de Turismo Social, da qual o Sesc São Paulo é membro, aconteceu virtualmente de 28 de maio a 4 de junho, com especialistas brasileiros. Dentre eles, a professora Rita de Cássia Ariza da Cruz, da Universidade de São Paulo (USP), destaca o impacto sobre os profissionais deste segmento e uma outra forma, não predatória e mais consciente, de fazer turismo. Já a professora Andrea Rabinovici, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), reflete a respeito dos impactos sobre o Turismo de Base Comunitária. Afinal, como será o turismo pós-pandemia?

Assista à série *O Turismo e a Pandemia: Uma Análise em Tempo Real*, disponível no YouTube do Turismo Social Sesc São Paulo:
www.youtube.com.br/sescsp



O futuro do turismo – reflexões críticas

RITA DE CÁSSIA ARIZA DA CRUZ

Em um texto de sua autoria, datado de 1996, o historiador e professor titular aposentado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) Ulpiano Bezerra de Meneses escreveu: “O tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optarmos” (Os “usos culturais” da cultura, *In: Yázigi, E. Carlos, A. F.; Cruz, R. C. A. da (org.). Turismo: Espaço, Paisagem, Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99).

A frase do professor Ulpiano soa mais atual que nunca; afinal, há muito não se falava tanto de turismo no mundo e no Brasil, sobre o seu presente e, principalmente, sobre o seu futuro. E qual será o futuro do turismo?

Como todos sabemos, as viagens a lazer ou motivadas por diferentes outras razões são uma conquista das sociedades pós-industriais, não acessível a grande parte da humanidade. É fato, mas com desdobramentos extensos e complexos que perpassam diferentes escalas geográficas, do mundial ao local. E que vão além dos protagonistas do fazer turístico – os próprios turistas, ao envolver trabalhadores, populações locais, agentes públicos e privados.

No que tange ao momento atual, a emergência criada pela pandemia da Covid-19 escancarou nossa fragilidade diante de um inimigo invisível a olho nu. Paralisou total, ou parcialmente, atividades econômicas e práticas sociais como o turismo, e nos colocou diante de um verdadeiro enigma, dado não ser possível encontrar respostas para tudo na simples comparação entre esta e pandemias anteriores, pois a pandemia não é a mesma e, sobretudo, o mundo não é o mesmo.

NADA SERÁ COMO ANTES?

Como dissera Heráclito de Éfeso [*filósofo pré-socrático considerado o pai da dialética*] há mais de dois milênios, não é possível a alguém tomar banho no mesmo rio duas vezes, pois o rio não será o mesmo, e cada um de nós também não. Assim, buscamos em referências históricas, teóricas e metodológicas elementos para, ao menos, edificarmos hipóteses sustentáveis sobre o futuro incerto.

As afetações da Covid-19 sobre o turismo são de diferentes naturezas. No que tange a aspectos econômicos, empresas do setor — desde grandes conglomerados a pequenos empreendimentos de alcance local ou regional — têm sido profundamente atingidas, sendo estimado o fechamento de muitos estabelecimentos comerciais ligados às chamadas Atividades Características do Turismo (ACTs), como transporte, agenciamento de viagens, hospedagem, alimentação e cultura e lazer.

Seria ingênuo, entretanto, acreditar que grandes empresas são atingidas da mesma forma que pequenas e médias, as quais, não raras vezes, não dispõem de reservas que lhes permitam seguir adiante. Assim, esse ambiente econômico favorece os processos de centralização do capital, o que, na prática, significa que grandes corporações poderão se tornar ainda maiores por meio da aquisição de empresas em situação financeira insustentável.

O encerramento definitivo das atividades prestadas pelas empresas do setor que não conseguirem transpor as dificuldades impostas pelo momento tem como consequência direta a eliminação de postos formais de trabalho, o que, naturalmente, em um momento de tão profunda crise, pesará de forma importante sobre as condições sociais de vida de muitos trabalhadores e de suas respectivas famílias.

É necessário também considerar que o turismo ocorre mesmo é nos lugares, ainda que o reconheçamos como um fenômeno mundial e que parte do setor seja dominado por empresas transnacionais. Isso implica reconhecer que alguns lugares, em função de sua taxa de dependência econômica do turismo, vão se ressentir mais que outros, o que exigirá dos poderes públicos, mas



também das empresas que sobreviverem, um esforço conjunto pela retomada da atividade e pela minimização, no mais curto lapso de tempo, dos efeitos deletérios da crise no setor.

Não se pode também negligenciar o fato de que parte expressiva do trabalho no turismo encontra-se na informalidade e que esses trabalhadores, já bastante precarizados e muito dependentes do dinamismo da atividade turística, juntam-se aos desempregados formais face uma situação de completo desalento.

Sobre o que virá depois, ou seja, o futuro sobre o qual nos propusemos tratar, uma questão central que se nos coloca é: quando chegará o depois? Cientistas de diferentes partes do mundo têm empenhado muito tempo e energia para decifrar o novo coronavírus e apontam para a importância de uma vacina (a qual talvez chegue até cada um de nós no primeiro semestre de 2021). Mas também apontam para o risco de novos surtos.

RETRATOS DISTINTOS

Portanto, o que costumamos chamar de “mundo do turismo” deverá, necessariamente, adequar-se a esse novo mundo, regido pelo que se tem qualificado como “novo normal”. Cuidados com a organização, o uso e o compartilhamento de espaços físicos, seja em ônibus, trens, aviões ou embarcações, meios de hospedagem, bares e restaurantes, locais destinados a eventos etc., tornaram-se uma questão de saúde pública.

Segundo dados da UNWTO [Organização Mundial do Turismo, agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo], cerca de 1,3 bilhão de

UMA QUESTÃO CENTRAL QUE SE NOS COLOCA É: QUANDO CHEGARÁ O DEPOIS?

viagens internacionais foram realizadas em 2018 e todos sabemos, mais ou menos, em que condições: aviões lotados com assentos cada vez mais próximos uns dos outros para otimizar o espaço e os lucros; cruzeiros marítimos abarrotados de turistas, espremendo-se em restaurantes e piscinas e fazendo paragens em diferentes destinações; praias, praças, museus, lugares da moda, apinhoados de visitantes.

Enfim, retratos do turismo de massa, impactado, pela primeira vez na sua história, por uma pandemia — considerando aqui, de acordo com Marc Boyer, em *História do Turismo de Massa*, Bauru (SP): EDUFBA/EDUSC, 2003 —, situaram as “balizas do turismo de massa” nas primeiras décadas do século 20. “E agora, José?, que a festa acabou, que a luz apagou, que o povo sumiu”, diria Carlos Drummond de Andrade (em seu poema intitulado *José*, de 1942).

O turismo, retrato de uma sociedade contraditória, vê-se diante da iminente necessidade de reinventar-se, reconstruir-se sobre outras bases econômica, social, cultural e ambiental mais sustentáveis. Mas, para que o turismo seja “o outro” do desleixo e do descaso com a saúde coletiva, será necessário que a sociedade também seja outra e este é o ponto a partir do qual retornamos à frase inicial do professor Ulpiano Bezerra de Meneses.

Não haverá um outro turismo em uma sociedade que insista em se manter regida pelos princípios de antes, como o lucro a qualquer preço. Turistas e não turistas desejam, certamente, um mundo melhor no pós-pandemia. Mas é preciso reconhecer que até o momento não temos indícios de que uma transformação comportamental profunda esteja em curso. Afinal, os negacionismos, os racismos e a violência bruta seguem ocupando os noticiários de todos os dias. ■

RITA DE CÁSSIA ARIZA DA CRUZ é docente do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, e coordenadora do Laboratório de Estudos Regionais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Turismo de Base Comunitária no contexto da pandemia

ANDREA RABINOVICI



O caos se instaurou com a pandemia da Covid-19. Comunidades indígenas e quilombolas que vivem em áreas naturais onde comumente ocorre o Turismo de Base Comunitária (TBC) estão mais isoladas do que nunca. A pandemia e os ataques governamentais contrários aos direitos desses povos e ao meio ambiente indicam um momento aterrorizador, especialmente para alguns povos da Amazônia, os quais estão adoecendo e morrendo.

Como o tema aqui é turismo e muitas comunidades atuam e o têm como gerador de renda, como será que estão vivendo a pandemia e o distanciamento, sem contatos, visitas e a renda proveniente do Turismo de Base Comunitária (TBC)? Algumas delas até pouco tempo atrás viviam relativamente isoladas e protegidas, recebendo poucas pessoas de fora.

Em alguns casos, ficou comprometida também a venda de artesanato e produtos agrícolas. A roça e os medicamentos dos quintais estão garantindo sua subsistência, assim como os auxílios governamentais. Considerados como comunidades pobres, durante a pandemia, ações generosas de doação de alimentos para outros mais vulneráveis socioeconomicamente estão ocorrendo, de forma a surpreender quem não as conhece.

Ambientes naturais, ainda livres do coronavírus, estão a permitir a seus moradores o privilégio da fruição exclusiva de seus espaços comumente ocupados por turistas: rios, cachoeiras, trilhas e outros. No caso do TBC em terras indígenas, já existem regras específicas de visitação para prevenir doenças contagiosas. Serão suficientes para lidar com a pandemia? Terão que ser repensadas pelas comunidades e em diálogo com os demais agentes públicos e privados. O estado do Amazonas, logo no começo da pandemia, se tornou um dos epicentros da doença no Brasil. Tratada por muitos como “pulmão do mundo”, porém lá não tem respiradores!

Para pensar no pós-pandemia, é importante resgatar alguns princípios do TBC. Estes incluem: a lógica comunitária, solidária, inclusiva, participativa, os arranjos produtivos locais e a economia circular. A relação da comunidade com seu meio natural e cultural, a valorização da cultura e de atividades tradicionais, bem como a afirmação da identidade. Todos aspectos que se contrapõem à lógica econômica predominante, sabidamente, que nos tem levado ao abismo e ao colapso, com previsão de novas pandemias, conforme apontam diversos estudos.

CONECTANDO MUNDOS DIFERENTES

Como o turismo conecta mundos diferentes, os comunitários são, cada vez mais, atores no processo, inseridos na economia mundial, e fazem parte de um processo predatório que, muitas vezes, desconhecem. Porém, podem fazer a diferença influenciando para que outras modalidades econômicas se tornem mais sustentáveis ambientalmente, com base nos princípios mencionados e no exemplo de suas vivências. Afinal, sua forma de viver e os espaços que ocupam são motivo da curiosidade e aprendizado para muitos.

Porém, geralmente, essa influência tem ocorrido ao contrário. O mercado é que tem influenciado, e indicadores do turismo convencional são replicados no TBC. Com isso seu sucesso segue sendo mensurado pela taxa de ocupação, empregos gerados, lucro... Qualidade de vida nas comunidades é aferida pelo consumo, geração de empregos e renda. E os conflitos e impactos sociais, culturais, ambientais e políticos?

Há que se encarar o imediatismo, o lucro desmedido e a inconsequência da lógica do “visite antes que acabe” praticados pelo turismo convencional e pelo TBC quando tido como seu segmento. Recomenda-se que o Turismo de Base Comunitária seja uma atividade complementar a outras já praticadas pelos comunitários. Neste momento são elas suas fontes de sobrevivência, além dos auxílios públicos, quando chegam.

EXISTE ESPERANÇA NO MOMENTO?

Depois de tanto tempo confinados, longe da natureza e amigos, a vontade de viajar é grande. Tendo a pensar que, num primeiro momento, quem puder viajar, talvez opte por viagens de curta duração. Os destinos de natureza, ecoturismo e TBC possivelmente



estarão entre os mais procurados. As viagens internacionais serão aquelas necessárias e inadiáveis, pois muitos estarão com medo de contágio e com pouco dinheiro.

Mas será que comunitários vão querer nos receber? Precisaremos conversar muito com todos os envolvidos. Se quiserem nos receber, será necessário adotar medidas de cuidado e proteção sanitárias e de fomento à volta do turismo, considerando as especificidades e susceptibilidades de cada comunidade.

APRENDIZADOS E NORMALIDADE

A pandemia escancara a insustentabilidade do capitalismo, do neoliberalismo e comprova a precariedade de nossa civilização predadora. Se a pandemia nos ensinar que temos que viver mais e melhor, experimentar mais a vida a acumular bens, teremos no turismo muitas possibilidades daquelas que “não tem preço”: nadar num rio, observar fauna e flora, prostrar e trocar experiências, caminhar respirando ar puro, se sentir acolhido...

Comunidades locais podem nos ensinar diversas coisas com suas experiências de isolamento e de aproximação, já que algumas delas se abriram ao TBC e a outras atividades econômicas recentemente. Podem nos mostrar como lidam com a natureza e com o meio ambiente, com o tempo e espaço, e formas de existir diferentes da lógica da acumulação e do lucro.

Afinal, o que de fato precisamos para viver? Como podemos rever nosso cotidiano? Ao reconhecermos a origem da pandemia, com todo o conhecimento e os saberes acumulados, fica claro o quão insustentável é o nosso modo de vida. Durante a pandemia vemos pela TV animais circulando por ruas e rios. Das janelas, vemos estrelas, céu limpo, sol se pondo, as fases da lua. Respiramos

melhor. Podemos e precisamos sair da quarentena melhores! Diversos alertas deranças indígenas, a quem devemos ouvir com atenção.

Podemos valorizar e incrementar novas formas de contato e de interação a distância. Muitas comunidades estão conectadas nas redes sociais e produzem imagens, poesia, literatura, artesanato, alimentos, receitas exclusivas que podem ser experimentadas de nossas casas. Podemos ler Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Olívio Jekupe, entre outros. Há textos deles que nos fazem viajar para outros tempos e mundos.

A BUSCA POR
SOLUÇÕES
PRECISA SER
PAUTADA EM
RESPONSABILIDADE
E ÉTICA PARA UM
TURISMO JUSTO,
SUSTENTÁVEL,
SAUDÁVEL,
INCLUSIVO,
PRÓSPERO E
SOLIDÁRIO

Precisamos compreender seus pontos de vista e expectativas quanto ao TBC pós-pandemia, construir alternativas e respostas cuidadosas. Buscar qualidade valorizando a experiência, porém sem elitizar ainda mais o Turismo de Base Comunitária.

Seguiremos com a transformação de algumas comunidades em atrativos e seus territórios em “destinos” turísticos? Com a chamada “turistificação de comunidades” – das quais derivam conceitos como: o “índio turístico”, autenticidade encenada, privatização de espaços comuns?

Crise e oportunidade. Voltar ao que existia não dá. Soluções precisarão contemplar outras (novas ou velhas) formas de viver mais sustentáveis, com mudanças estruturantes e emancipatórias. A busca por soluções precisa ser pautada em responsabilidade e ética para um turismo justo, sustentável, saudável, inclusivo, próspero e solidário. ■

ANDREA RABINOVICI é especialista em Turismo Ambiental, mestre em Ciência Ambiental e doutora em Ambiente e Sociedade. É professora no curso de graduação em Ciências Ambientais e no Mestrado Acadêmico em Análise Ambiental Integrada da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Fotos: Sammi Landwehr

LIA RODRIGUES

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 22 de julho de 2020.

Territórios da

COREÓGRAFA SE
DIVIDE ENTRE O
BRASIL E A EUROPA,
ONDE OBTÉM
RECURSOS PARA
LEVAR ADIANTE
SEUS PROJETOS
ARTÍSTICOS E
EDUCACIONAIS
NA FAVELA
DA MARÉ, NO RIO

A paulistana Lia Rodrigues estudou História na Universidade de São Paulo (USP) na década de 1970, mas abriu mão do curso para entrar no que ela chama de “universidade da vida do artista”. Apaixonada pela dança, foi uma das fundadoras do grupo independente de dança contemporânea Andança, em São Paulo, e depois se mudou para a França, onde trabalhou na Compagnie Maguy Marin. Mas foi no Rio de Janeiro que criou a [Lia Rodrigues Companhia de Danças](#), em 1990. Uma carreira longa celebrada por Lia com o mesmo entusiasmo com que se dedica, desde 2004, a atividades artísticas e educacionais na Favela da Maré, Zona Norte da capital fluminense. “Eu queria dialogar com outras partes da cidade que estavam sempre alijadas da arte contemporânea. Foi aí que a [pesquisadora em dança] Silvia Soter me apresentou a [Redes da Maré](#). Junto com essa instituição da sociedade civil, criamos o Centro de Artes da Maré, em 2009, e a Escola Livre de Dança da Maré, em 2011”, orgulha-se. De Amsterdã, na Holanda, sua segunda residência, e onde permanece em isolamento social na pandemia, a artista conta que vem do velho continente o investimento necessário para dar continuidade à companhia e aos projetos na Maré. “Preciso desse território para fazer com que meu território no Brasil exista. Eu viajo, mas meu coração é na Maré. É fazer com que aqueles projetos sobrevivam e aconteçam”, conta.

LIÇÃO DE VIDA

Na Maré existe vida, produção, comércio, criatividade...

Pessoas que estão produzindo pensamentos e projetos. Pessoas construindo. Não me considero uma professora. Sou uma artista e a minha aproximação com a pedagogia é de uma artista. Chamo meu método de método mutante, então, a escola trabalha com essa metodologia que chamamos de mutante. A Silvia Soter é a diretora, temos o coordenador pedagógico que é o Gabriel Lima, e eu faço a direção artística. É com essa triangulação que pensamos a escola, também em conversas com os professores e alunos. Não é apenas uma

escola de dança, é uma escola de cidadania. Um dos eixos da Redes da Maré é o da educação, que promove, entre outras coisas, que jovens tenham acesso à universidade. E essa é uma das nossas grandes batalhas dentro da nossa escola: que todos os jovens sejam escolarizados e possam ser encaminhados para universidades, não necessariamente de dança. Eles têm aulas sobre questões de gênero, segurança pública... A gente faz um trabalho que não é só arte, tem a ver com a vida.

MEU LUGAR

Quando fico muito triste, eu me agarro nas pessoas da Maré que estão lá, diariamente, vivendo e trabalhando. Esse é o meu território. Eu viajo para esse outro território, a Europa, pois aqui as condições para os artistas são completamente diferentes daquelas que o Brasil nos oferece. Não conto com nenhum dinheiro do Brasil para nossos projetos, com exceção dos projetos que desenvolvemos com o Sesc São Paulo, e convites

dança

para dançarmos na Bienal de Dança do Ceará e no Festival de Curitiba. A Escola Livre de Dança da Maré é financiada pela *Fondation d'entreprise Hermes* da França desde a sua criação e, mais recentemente, desenvolve o projeto *Next Generation* com a Fundação Prince Claus (na Holanda). Grande parte dos recursos de minha companhia vem deste outro território, onde é diferente a relação com a arte e com a cultura. Então, preciso desse território para fazer com que meu território no Brasil exista. Eu viajo, mas meu coração é na Maré. É fazer com que aqueles projetos sobrevivam e aconteçam. Um lugar onde existe uma força poderosa dessa população que tem muito a acrescentar e muito a fazer pelo Brasil.

PEDAÇO DE MIM

Acho que é inevitável que a gente seja contaminado por tudo que a gente vê. Tenho certeza que, de alguma forma, o que vejo e com o que entro em contato [*no Brasil e na Europa*] passeiam dentro de mim. Lembro que fiz um projeto lindo, há um tempo, com o Sesc São Paulo, com a jornalista Anabela Paiva e a arquiteta Gisela Magalhães, sobre *Macunaíma* [*considerada a obra-prima do escritor Mário de Andrade, publicada em 1928*], chamado *Coração dos Outros – Saravá Mário de Andrade* [*exposição multimídia em homenagem ao escritor modernista, realizada em 1999*]. Esse projeto me indicou que para ser brasileira, eu deveria dar a mão a Mário de Andrade, no sentido simbólico é claro. E ele me levou pelo Brasil. Enfim, acho que a gente é feito de pedaços dos outros. Por exemplo, quando eu penso no meu querido amigo Tunga [*escultor, desenhista e artista performático brasileiro, 1952-2016*], acho que o devorei e ele está dentro de mim. Tudo que faço tem um pouco de Tunga, como tem um pouco de quem admiro e não admiro também. Está tudo aqui, em ebulição.

A ARTE PODE
TRAZER ESSE
PENSAR
SOBRE COISAS
DIFERENTES
E FORMAS
DE ACEITAR A
DIVERSIDADE,
ACEITAR O QUE
A GENTE NÃO
ENTENDE





Cenas do espetáculo *Fúria*, de 2019, apresentado no Sesc Consolação

PROCESSO CRIATIVO

Gosto muito de ler filosofia e ficção. Há livros que descobri serem a ignição para o meu trabalho. A literatura tem um lugar muito presente, forte e querido no meu processo criativo. Estou sempre pensando, estudando, lendo e me enriquecendo. Por exemplo, durante o processo de criação de *Fúria* [espetáculo de 2019 apresentado no Sesc Consolação], última criação da companhia, houve uma exposição no Centro de Artes da Maré sobre a obra de Conceição Evaristo [leia Depoimento da escritora nesta edição] que foi uma grande inspiração para nós. Usamos, também, alguns trechos de livros da escritora em nossas improvisações. A literatura é um grande laboratório a partir do qual fazemos experimentos.

TECLADO OU LINÓLEO

Uma coisa incrível que aconteceu nesta pandemia, com aulas virtuais e *lives*, é que as pessoas estão inventando jeitos de existir. E isso é muito importante. Espero que essas formas não se oponham a uma aula ou a um encontro ao vivo. Acho que as coisas podem coexistir. Não vejo a impossibilidade. É um mundo onde a gente vai ter que aprender a viver e a conviver. Todos estão correndo atrás de inventar jeitos de sobreviver, de mostrar seus trabalhos. Estou um pouco afastada das redes sociais, mas vejo alguns shows, peças e conferências também. Vejo que as pessoas estão fazendo muitas coisas interessantes.

RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

A arte não pode e não deve carregar esse peso de que ela precisa ser capaz de fazer as coisas melhorarem ou mudarem. Muitas ações conjuntas são importantes, como na área de segurança pública, na educação e no respeito a vida. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. Vivemos o genocídio da população negra. E sabemos que não é possível democracia sem o combate ao racismo. Acho que a cultura e as artes podem sensibilizar as pessoas para esse combate, podem trazer a possibilidade de olhar o mundo de outra forma. Mas não acredito que “a arte traz o belo”. A arte coloca questionamentos e pode construir relações e significados novos para a vida. A arte pode trazer esse pensar sobre coisas diferentes e formas de aceitar a diversidade, aceitar o que a gente não entende. Aceitar que o mundo é diferente e que a gente pode e deve conviver, principalmente, com muito respeito. ■

Longeva desigualdade

ESCRITORA ANALISA ASPECTOS DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA

“Na minha infância os mais velhos de qualquer comunidade popular estavam em lugar de comando, de respeito”, recordou a escritora Conceição Evaristo, uma das principais vozes dos movimentos de valorização da cultura negra no país, na abertura da Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, realizada virtualmente pelo Sesc São Paulo, dia 15 de junho. Junto a outros dois convidados – Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional da Longevidade Brasil, e Alexandre Silva, doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) –, ela participou do debate *Onde Mora a Violência*, realizado pelo Sesc e disponível no YouTube do Sesc São Paulo (assista aqui: www.youtube.com/?v=tlcwzBDGeGw). Nele, a doutora em Literatura, que já foi professora da rede pública de ensino da capital fluminense, levantou questionamentos sobre violência e envelhecimento da população negra no país, bem como o papel da sociedade na construção de uma convivência harmoniosa entre famílias e gerações. “Colocar um indivíduo na situação de impotência é desacreditar que ele possa virar o jogo. Em vez de pensar esse preto velho e essa mãe negra como sujeitos passivos, (remetendo à escravização) eternamente gratos ao senhor, devemos mudar a chave de pensamento, considerando táticas de sobrevivência que as pessoas, mesmo velhas, são capazes de criar”, disse.

REMINISCÊNCIAS

O que nos chama a atenção em uma campanha desse tipo são as várias modalidades de violência que vemos, mas há uma violência marcada pela condição étnica, pelo fato de você ser negro e, por isso, experimentar historicamente a violência. Existe o discurso de que uma arma poderia combater a violência, o que é totalmente o contrário.

Infelizmente, quando pensamos na violência estrutural que rege a sociedade brasileira é preciso considerar que ela não nasce hoje. A violência se aprofundou ao longo da história. A origem está em países inaugurados sob o signo da violência pela própria colonização que se ergueu violentando comunidades naturais. Uma civilização que tem em sua estrutura a violência contra as comunidades naturais e a violência da escravização dos povos africanos.

MUDAR A CHAVE

Falando de sujeitos negros, de sujeitos pobres, há o imaginário em relação às pessoas mais velhas. Criou-se o imaginário, principalmente na literatura, do preto velho e da preta velha como sujeitos passivos. Num dado momento da assinatura da Lei Áurea, esses sujeitos eram conhecidos na literatura como “pai João”, identificados pelo estado de gratidão e passividade em relação ao senhor.

Esse imaginário é criado a partir da impotência que os sujeitos escravizados experienciavam ao envelhecer.

Colocar um indivíduo na situação de impotência é desacreditar que ele possa virar o jogo. Em vez de pensar esse preto velho e essa mãe negra como sujeitos passivos, (remetendo à escravização) eternamente gratos ao senhor, devemos mudar a chave de pensamento, considerando táticas de sobrevivência que as pessoas, mesmo velhas, são capazes de criar.

QUE FUTURO?

Por outro lado, na questão da violência contra os idosos, considerando que a expectativa de vida aumenta, cito a frase de Déa Januzzi: “A velhice é uma conquista e não uma tragédia”. Os velhos e velhas podem entender a velhice como uma conquista? Para quem sofre violência, o envelhecer não é uma conquista, mas sim uma tragédia. Se pensarmos na longevidade, quais sujeitos podem comemorá-la? Quais são os grupos sociais que podem pensar nesse futuro?

Se considerarmos uma pessoa de 60 anos como idosa, veremos mulheres nessa faixa etária trabalhando em serviços domésticos ou em empresas de limpeza, o que é uma forma de violência permitida pela sociedade. Na minha infância, os mais velhos de qualquer comunidade popular estavam em lugar de comando, de respeito. Hoje, até que ponto os velhos desses grupos sociais mantêm tal autoridade? ■





SE PENSARMOS NA
LONGEVIDADE, QUAIS
SUJEITOS PODEM
COMEMORÁ-LA?

PRINCÍPIO

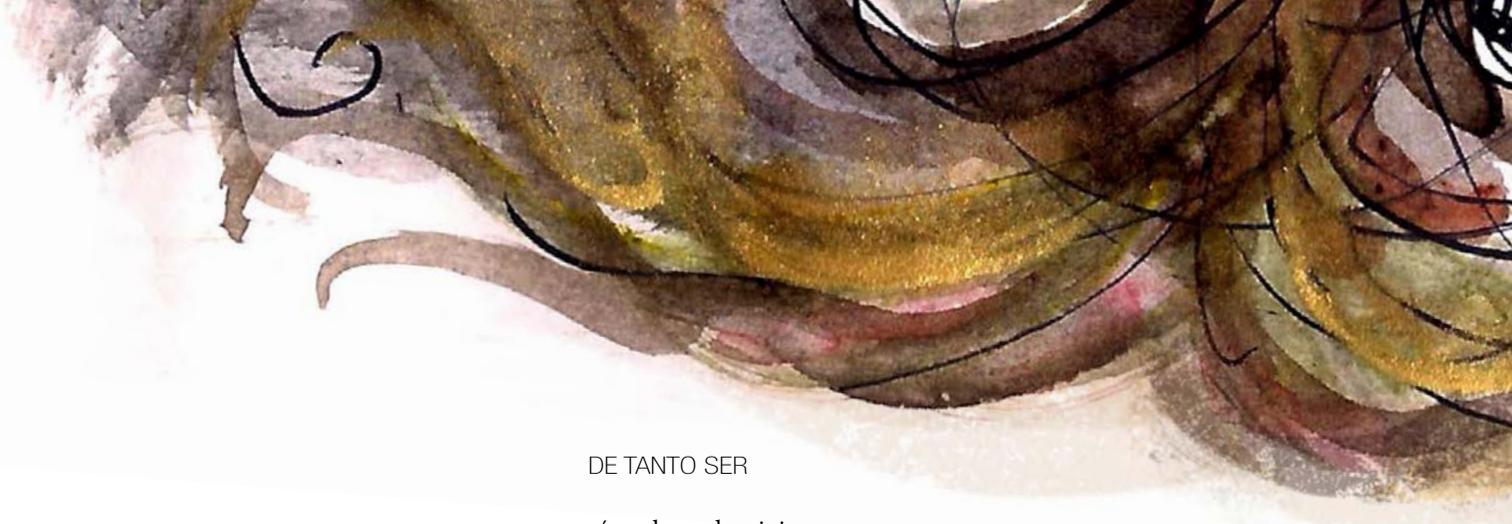
Partindo do princípio
que paredes têm ouvidos
a praça tem orelhão
e tem até olho da rua.
Mudo fala com as mãos
e com a mão o cego lê
Ah! Como é rica
a sabedoria popular!
Não dá pra ficar de fora
e como boto fé no meu taco
também vou dar meu pitaco...
e já sei como fazer:
Vou botar meu olho para ouvir
e meu ouvido pra ver...
Eu estou ando é a mil
E minha cabeça já foi feita
Antes mesmo do Brasil
Antes de mídia e mercado
quando a poesia em Pessoa
lá de Lisboa
deu ao mundo seu recado

e me disse numa boa:
“...Tudo que escrevo não!
Com a imaginação
eu simplesmente sinto.
Tudo que digo ou faço
o que me falha ou finda
é como um terraço
sobre outra coisa ainda.”

QUERO-QUERO

Eu Quero-Quero
mas você jururu
e eu Juriti
volte Asa Branca
sou seu Bem-te-vi

A felicidade é que o vento leva
mas o tempo guarda
eu às vezes rio
outras pranto
mas sempre acalanto.
Usted a endurecerse
“Jo pero si
perder la ternura.”
Eu sei o que quero
não posso esquecer
na barriga de Mi Madre
esperei nove meses
pra nascer
e por isso espero
lo tempo que fore
para que Usted amore
acorde o quanto antes
e atravesse mares dantes
saia do esconde-esconde
que não tem por onde
encontrar alguém
mais seu do que eu.



DE TANTO SER

réu, advogado e juiz
eu descobri
que ser inteligente
é ser feliz.
Às vezes abro a boca
e quem fala são os cotovelos
chispa daqui castração
está na área o coração.

FLORES E PAISAGENS

As flores cada vez mais lindas
as paisagens findas
e as matas não mais virgens.
O céu e o mar azuis
mas o homem não se dá conta
que há rio assoreado
extinção de ave
bola na trave
gol contra e manto escuro
com a maioria do lado de lá
ou em cima do muro.
O galo canta
o macaco assobia
o sino toca ao meio-dia
tudo dez
nada fora
do limite dos decibéis.
Não posso dizer o mesmo das bombas
mas Picasso desenhou a paz com pombas
E minha sombra anda comigo
e não me vê
enquanto eu a quilômetros
fecho os olhos e vejo você

FUTE-FORRÓ

O forró entra em campo
é nenhuma, é barbada
é ao gosto do freguês
tem gude preso
e tem goleada.

Chova ou faça sol
é forró e futebol
como ladeira e escada
rola a bola no gramado
e forro na arquibancada.
O fole não é mole
bate uma bola redonda
leva galera ao delírio
na Cidade Maravilhosa,
em Sampa e lá nos Pampas
faça calor, faça frio
a rede balança aqui
no Maracá, Beira-Rio
balança no Morumbi
e o forró dá olé
com pedalada Robinho
elástico Romário
e paradinha Pelé



PARA UMA ROSA

Rosa ao luar
 e o luar rosa
 Rosa a sorrir
 eu a sonhar
 Rosa em seu canto
 toda encantos me encantou
 e ainda hoje
 Rosa em sol, em dó, em fá e lá, em ré e mi
 encanta em flor.
 Viver quer no fundo ou no raso
 não deixa de ser uma flor no vaso
 com um dia rosa e outro encarnado.
 Rosa em cansação é faca, não é garfo
 não é prato, nem é pires
 é só verso e não é prosa
 Quero ver-te Rosa
 nas sete cores do arco-íris
 sem deixar de ser
 íris do ser e íris do olho.
 Ires Rosa suave pluma
 azul-claro ou verde espuma.

SOU VERDE DA SILVA

Sou eco da selva
 da fauna e da Silva
 Sou eco da água
 do leite e da nata
 do sereno e da serenata

DORES E FLORES

sem cerimônia pousam em mim
 por ser assim: quadro e jardim.
 Com o nascer do sol
 estou no ar
 e do balançar da rede
 sou o nheco-nheco-nheco-nheco
 na esperança nossa e na do dito popular.
 Enquanto aqui no peito
 o coração bate, bate, bate, bate
 e no relógio da parede
 tic-tac-tac-tac
 eu comunico na rede.

ELA TEM IT

Ela não é da passarela
 mas tem it, tem it
 e lembra de leve
 a número um
 Gisele Bündchen

Não tem nada de Amélia
 mas também não faz a linha
 rebelde avoadinha.
 Não sobe ao palco
 nem é do ramo
 mas se fico gamo.
 Só não entendo
 ela tão transparente
 e com tramas enigmáticas
 Qual o encanto da dama?
 Será que é por ser meiga?
 Ou é por ser boa de cama?

Não tem nada de Amélia
 mas também não faz a linha
 rebelde avoadinha.
 Nem tudo é flor
 é comédia ou drama
 ou é lima ou fama.
 Só não entendo
 ela com tantos dotes
 e ter dores reumáticas.
 Qual o segredo da dama?
 Será que é só o frio?
 Ou é por ser fraca em matemática?

CAFÉ COM PÃO BOLACHA NÃO

Na ópera
afete a voz
desça às vezes
e suba até o limite imposto
pelo ouvido aos decibéis.
No quadro
não faça nada semelhante
acompanhe o silêncio dos pincéis.
Vá a 40 por hora
pra ver da autojanela
a paisagem singela
e ao vivo romance
de árvores e pássaros
lagos e cisnes.
E ultraleve e firme
chegue na estação
Café com pão/ Bolacha não/ Café com pão/ Bolacha não
Café com pão/ Bolacha não/ Café com pão/ Bolacha não...
E além da vista
perceba minúcias e nuances
da mão e coração do pintor
por céu e terra alado.
E as figuras se alojam e brilham
no silêncio do quadro.



Mas se for pintar
o quadro requer
nada semelhante.
E se o quadro é dez
você seja mil
e acompanhe
o silêncio dos pincéis.
Se for a 40 por hora
verá da autojanela
a paisagem singela
entre a Disney
e o romance
de árvores e pássaros
lagos e cisnes.
E ultraleve e firme
chegue na estação
Café com pão/ Bolacha não/ Café com pão/ Bolacha não
Café com pão/ Bolacha não/ Café com pão/ Bolacha não...
E além da vista perceba minúcias e nuances
da mão e coração do pintor
por céu e terra alado.
E as figuras se alojam e brilham
no silêncio do quadro.



QUEM SABE DO SAPATO É A MEIA

Quer correr
Se inscreva na São Silvestre!
Os homens já não se entendem
aqui num palmo de chão
que dirá em todo globo terrestre
Quer correr se inscreva na São Silvestre

Tá dito na internet
que os americanos vão lançar
um baita de um avião.
O bicho vem mais veloz
que a velocidade da luz.
Pra notícia de jornal
eu não digo sim nem não.
Mas é preciso fazer jus
e bem mais que oração
pra sorte chegar na mão.

Quer correr
Se inscreva na São Silvestre!
Os homens já não se entendem
aqui num palmo de chão
que dirá em todo globo terrestre
Quer correr se inscreva na São Silvestre.

Desde que o mundo é mundo
que a pressa tá de um lado
e do outro a perfeição.
Mas chegue atrasado não
que um minuto depois
o sol já tá em outra
e já é outro momento.
Só não vale fechar a cara
nem no meio da estrada
empacar que nem jumento.

Quer correr
Se inscreva na São Silvestre!
Que os homens já não se entendem
aqui num palmo de chão
que dirá em todo globo terrestre
Quer correr se inscreva na São Silvestre.

Ouçã a vida que é sábia
e também diz
que chegar um minuto antes
não faz ninguém mais feliz.
Nem a abelha sabe em quantos dias faz o mel
nem a aranha em quantos tece a teia
quem mais sabe do sapato é a meia
pra Deus que não tem pressa
um dia não é mais que um grão de areia.

Aqui não é lugar
pra esperto nem otário
pois quem entra no hipódromo
seja jóquei ou cavalo
é pra ganhar e perder páreo.
Quando o dia clarear
antes de tomar café
se prepare pra enfrentar
o adversário que você não quer.
Se chegar beijar a lona
levante e leve fé

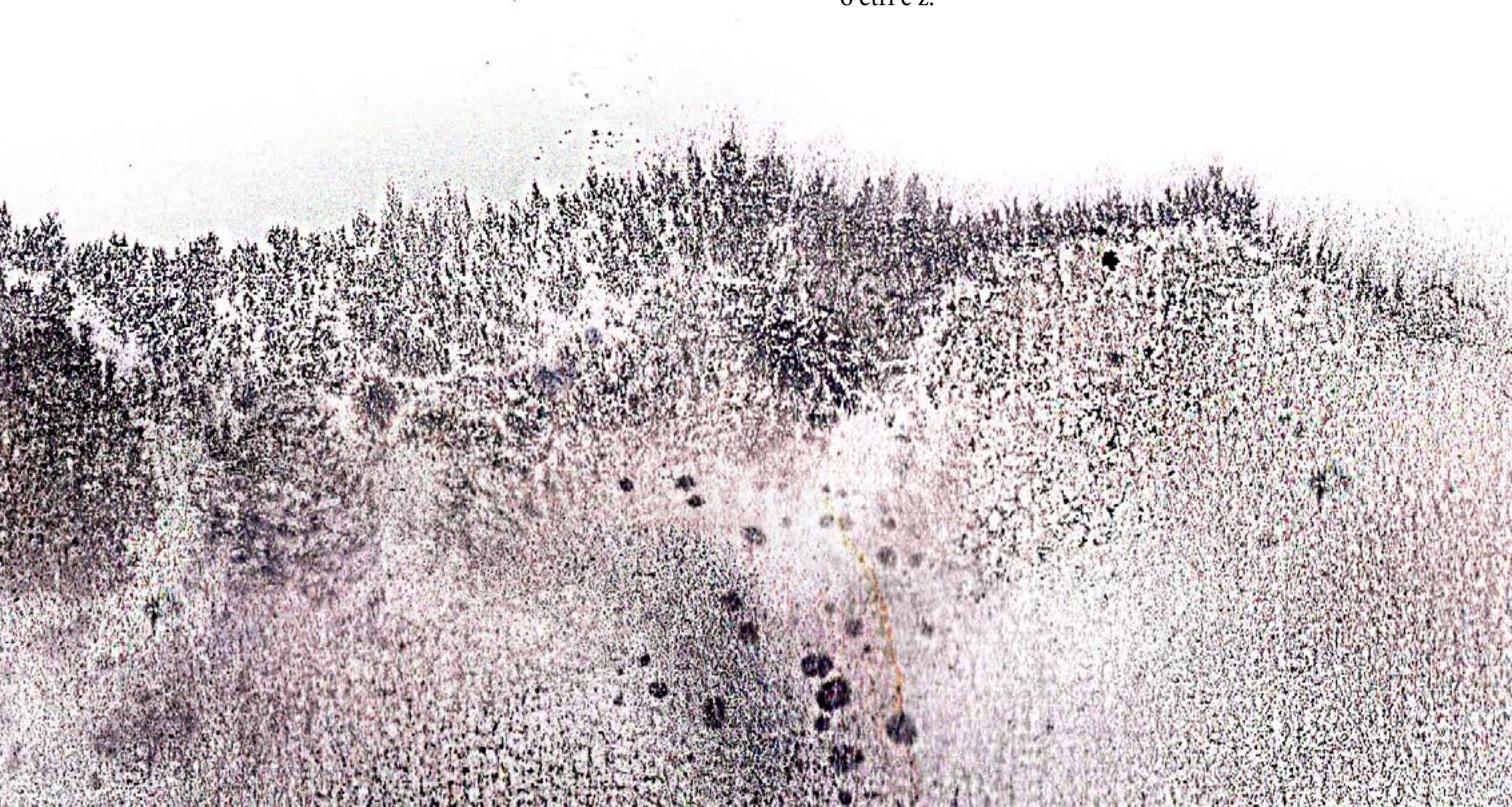


O QUE MAIS QUERO

Quero nos muros pichado:
"Vou amar pra ser amado."
E nos banheiros públicos escrito:
"O silêncio fala mais alto que o grito."
Quero ver de novo o trem chegando
e alguém esperando alguém na estação.
Quero chuva e quero sol
meu ouvido pede música
e meus olhos futebol.
Quero mais que sua mão
quero vê-la agasalhada
dentro do meu coração.
E por último quero, amor:
Na menina dos teus olhos revelado
o quanto sou por ti amado.

JUNTANDO OS PANOS

Se você cuida do amor
a alma cresce
mas se você pensa demais
a paz esquece
o pensamento pede mais
uma atitude de viver
e ser capaz.
Se o caminho for difícil
siga o vento
E siga sempre o que diz o sentimento
o mundo não quer esperar
o sonho não pode acabar
escolha o rumo pra seguir
e se encontrar.
Você vai bem na teoria
eu quero a prática
mas se não for ao vamos ver
só faz voar
após o encanto vem a dor
e com a dor o conhecer
e pelo mistério dois é um
ou três ou mais.
se de meu lado rola ronco
isso é o mínimo
Sejam os olhos nada mais que o coração
e regue o amor ao sol nascer
se porventura um erro pinte
e ao invés de contar vinte
o ctrl e z.



O SERTANEJO TÁ CERTO

De gostar de forró
 É igual guri bom de bola
 Da sua camisa
 Pinga chuva e suor
 E daí vem o forrobodó

Eta! Eta! Eta! Eta!

Sábio sabe a receita
 Sem faltar uma letra
 E alguém vai ter que dizer
 Se quem escreve
 sou eu ou a caneta
 Eta gente de raça
 Que não inventa desculpa
 A força vem na labuta
 Cuscuz, farinha e rapadura
 O forte vejo
 Trabalha e vadeia
 E deixa os pingos da chuva
 Cair sobre si
 Portanto bote fé
 O lavrador além de amor
 Tem sangue na veia
 Trabalha a verdura
 Com sua dor
 E nos serve com amor

Os pingos da chuva
 Molham e alegram
 Solo e árvores
 E ainda de brinde
 A luz do luar
 A nos clarear

O BRASIL É UM VALE
DE LÁGRIMAS

Oh misericordiosa
 Rogai por nós
 Povo clama
 Porque vós
 Indesejáveis mãos
 Espalhando lama
 Aterrando irmãos
 Num vale-tudo por metais
 Maculando límpidas fontes
 Nossa gerais
 Minas preciosas
 Mas eu cá do meu canto
 Peço pelo vale franciscano
 Por quem vale ainda sonhar
 Jequitinhonha
 Capão
 Itajaí
 Jacuí
 Cai
 Mucuri
 Águas doce do sertão
 Sustento da nação
 Onde regando
 Temos frutas e flores em botão

Esturricado chão

HUMANOS

Nós humanos
 Nos adaptamos a tudo
 Do áspero ao veludo
 Como uma dor que nunca passa
 Nos acostumamos
 Por alguma razão
 Conviver com ela
 Como um projétil
 Alojado no coração

POBRES DE ESPÍRITO

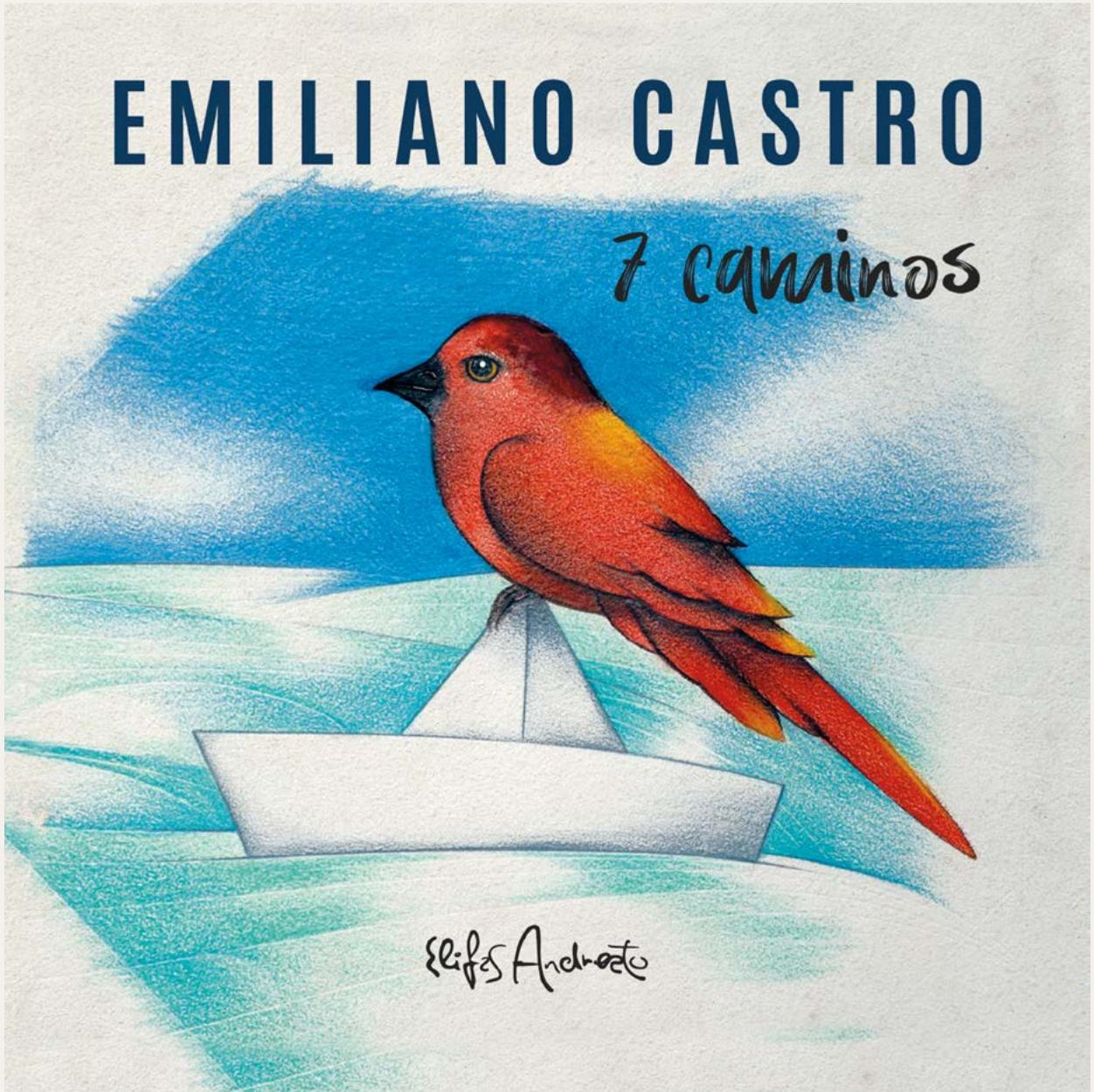
Quer saber se tem amigo?
 Fique pobre ou doente
 Carente, besta ou demente
 Cada um com seu umbigo
 Se transforma num vespeiro
 Correndo com seu dinheiro
 Mão, conforto amizade
 Querendo desfrutar das belezas
 Fingindo ter felicidade
 E constato
 Que esses mal-ajambrados
 São pobres coitados
 Tadinhos
 São os mais necessitados
 Perdidos na própria dúbia natureza
 Do nada absoluto
 Nunca sentem-se abençoados
 E desconfiados seguem
 Possuindo só riquezas
 Que no último ato
 Nem direito de carregar têm
 Amém, Amém. ■

LUIZ GALVÃO é compositor e poeta, fez parte do grupo Novos Baianos, no qual compôs, em parceria com Moraes Moreira, canções como *Acabou Chorare* e *Preta Pretinha*; autor do livro *Novos Baianos: A História do Grupo Que Mudou a MPB* (2014, Lazuli).

Lançamento
SELO SESC

EMILIANO CASTRO

7 caminhos



**O ENCONTRO DO FLAMENCO COM
AS ÁFRICAS E AMÉRICAS NO VIOLÃO 7 CORDAS**

com participações de Jorge Pardo, Javier Colina, Mû Mbana,
Camilo Zorrilla, Luciano Khatib e Isadora Nefussi

Disponível
NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e conheça
o catálogo completo sescsp.org.br/loja



/selosesc



movimento
VIOLÃO

CURADORIA: PAULO MARTELLI
DIREÇÃO: FLÁVIO N. RODRIGUES

EM PROGRAMAS INÉDITOS, GRANDES VIOLONISTAS
EXPLORAM DIVERSAS VERTENTES DO INSTRUMENTO EM
REPERTÓRIOS QUE TRANSITAM ENTRE O POPULAR E O ERUDITO.

**NOVOS EPISÓDIOS A PARTIR DE 22 DE SETEMBRO
ON DEMAND EM [SESCTV.ORG.BR](https://www.sesctv.org.br)**

    /sesctv

Sesctv



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.



A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adauto Fernando Perin, Ademar Vieira Rodrigues, Adriana da Silva Ribeiro, Affonso Lobo Chaves, Aline Ribenboim, Ana Carla de Assis Ribeiro, Ana de Carvalho Dias, Ana Paula Cardoso, Andrea Matos da Fonseca, Andre Luiz Santos Silva, Bárbara Gabriela, Camila Casseano Damazio, Camila Curaçá, Carolina Barbosa de Melo, Cláudia Cássia de Campos, Claudia Giron Munck, Cristiane Ferrari, Cristina Madi, Daniela da Costa Matsuda, Danny Abensur, David Sampaio, Deise Lima Moreira, Dih Lemos, Edson Cardozo da Cruz, Eduardo Rodrigues, Eloá Cipriano, Enio Rodrigo Barbosa Silva, Erica Georgino, Estevão Denis, Fabiana Freitas, Fabio Luiz Vanconcelos, Fabio Saraiva Teles, Fabricio Floro e Silva, Felipe Trindade Diniz, Fernando Fialho, Fernando Oliveira Viana, Filipe Ferreira Gomes Luna, Flávia Andréa Carvalho, Flávia Coelho, Gean Carlo Seno, Geraldo Cruz, Geraldo Junior, Gustavo Nogueira de Paula, Heloisa Pisaní, Indiara Fernanda da Cunha Duarte, Ivan da Hora, Jaderson Porto, Jorge Luis Moreira, José Junior, José Mauricio Lima, João Evandro Biazotto, Juliana Silva dos Santos, Juliano Ricardo Lima, Karla Priscila Carrero, Kelly Adriano de Oliveira, Kelly dos Santos, Kenia Mara Militão, Lilian de Fátima Camilo, Lizandra Magalhães, Luciano Domingos, Luiz Guilherme Barreto, Maite Soares, Maria Denise Leite, Marcos Villas Boas, Maria Cristina Villas Boas, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Margarete Chiarella, Midji Claudio Silva, Natalie Ferraz Kaminski, Poliana Queiroz, Priscila Silva Biazotti, Priscila de Almeida Xavier, Priscila Sayuri Fukuda, Rafael Peixoto, Rani Bacil Fuzetto, Renato Alves de Jesus, Renato Perez de Castro, Renato Jose Pereira, Renato Yoshinaga, Ricardo Ribeiro, Ricardo Tifona, Solange Alboreda, Suellen de Sousa Barbosa, Suiani Cordeiro Macedo, Talita Rebizzi, Tatiana Busto Garcia, Thais Kruse, Thais Emilia Marques, Thais Ferreira Rodrigues, Valeria Taveiros, Vitor Hugo Vieira

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
 - **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
 - **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
 - **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
 - **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
 - **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
 - **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
 - **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

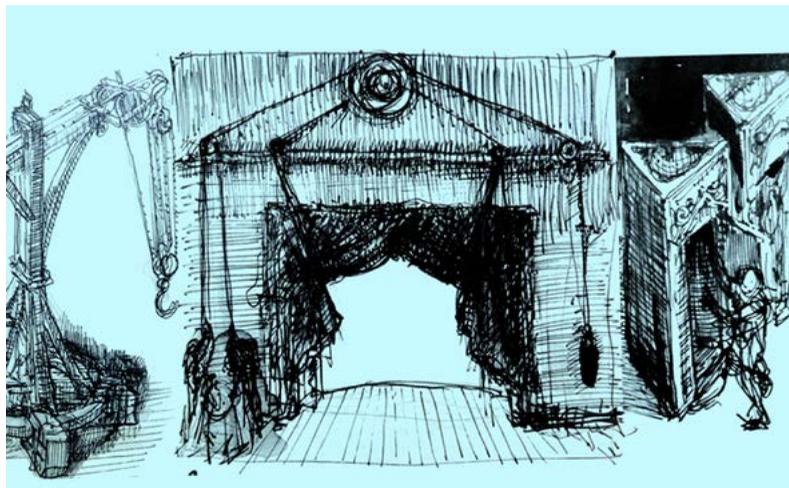
Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da

Superintendência de Comunicação Social e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

Curso na rede

em gente aprendendo a fazer pão, enquanto outros tomaram gosto pelas aulas de aquarela. E há quem tenha concluído, nesta quarentena, o tão sonhado curso de roteiro de cinema. São inúmeras as possibilidades de aprendizado pela internet, principalmente neste período de isolamento social. Escolas adaptaram cursos presenciais para o formato online e alunos que antes se encontravam nos intervalos para trocar ideias sobre as aulas, hoje, se encontram nos grupos de WhatsApp ou em reuniões em aplicativos de videochamadas. Confira algumas opções de escolas, institutos e instituições e caia na rede do aprendizado!



Imagens: Reprodução

CASA GUILHERME DE ALMEIDA

Neste mês, este espaço que é considerado a primeira instituição não acadêmica a manter um Centro de Estudos de Tradução Literária no país, com sede na capital paulista, realiza virtualmente o curso *Tradução de Texto Dramático para Encenação*. Em quatro encontros (dias 3, 10, 17 e 24/9) serão abordados temas como: a diferença entre texto dramático e teatral; o lugar da palavra nos diálogos e nas rubricas; e a materialização da palavra em cena. As aulas serão ministradas pela tradutora Cláudia Soares Cruz, formada em Teoria do Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e doutoranda em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro.

Confira a programação: www.casaguilhermedealmeida.org.br/



SESC DIGITAL

Um dos cursos mais acessados da plataforma de educação a distância do Sesc São Paulo (EAD – Sesc Digital), o curso *O Pintor Letrista – Lições Introdutórias em Pintura de Letra* ensina técnicas e métodos para que iniciantes ou veteranos possam replicar, em casa, a elaboração de letreiros populares, seja para decorar o ambiente doméstico, seja para pintar placas e fachadas. Com nada mais que pincel, esmalte à base de água e cartolinas, o designer e letrista Filipe Grimaldi apresenta os ensinamentos básicos do seu ofício: a pintura de letras.

Confira a programação: <https://ead.sesc.digital/cursos>

CASA DAS ROSAS

A Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura amplia o acesso do público ao Curso Livre de Preparação do Escritor (Clipe) ao lançar uma versão online. O



André Hoff

objetivo é atender participantes de todas as regiões do país que gostam de escrever e buscam desenvolver técnicas da escrita criativa nos gêneros conto, crônica e ensaio. As aulas serão ministradas pelos escritores Veronica Stigger, Marcelino Freire e Tiago Novaes e ficarão disponíveis, a partir do dia 8/9, na plataforma Hotmart. Os alunos terão 21 dias, a contar do primeiro ingresso, para acessar os conteúdos e cerca de 30 dias para enviar os textos propostos.

Inscreva-se pelo site: <https://hotmart.com/product/clipe-online/U39111193J>

ITAÚ CULTURAL

Entre as opções de cursos online disponíveis no site do Itaú Cultural, as crianças têm a chance de fazer aulas de ilustração realizadas por diferentes professores. Por exemplo, nas aulas com Marcia Misawa, meninos e meninas fazem desenhos coloridos com ingredientes da cozinha que seriam desperdiçados, como casca de beterraba, saquinhos de chás, restos de espinafre e outros alimentos.

Confira a programação: www.itaucultural.org.br/



INSTITUTO DE CINEMA

Opções de cursos e palestras gratuitas online sobre roteiro, direção, produção e outras atuações no segmento cinematográfico compõem a programação do Instituto de Cinema. Escola com sede na capital paulista, criada por um coletivo de profissionais do audiovisual, diretores, produtores, acadêmicos e educadores inspirados em transformar o ensino de arte de maneira crítica e objetiva. Confira a programação: www.instagram.com/institutodecinema/



#Fica_a_Dica

1 ESCOLHA COM CONSCIÊNCIA

Pense se o curso a distância (graduação, pós-graduação ou livre) é motivador e faz sentido para sua vida pessoal e/ou profissional;

2 ENCONTRE UM LUGAR

Um espaço onde seja possível estudar sem barulho ou muitos estímulos, para conseguir se concentrar nas atividades;

3 EVITE DISTRAÇÕES

Procure se concentrar nas aulas, dê um tempo nas redes sociais, não receba ou envie mensagens enquanto estiver estudando;

4 CULTIVE A ORGANIZAÇÃO

Selecione e organize o material de estudo para não perder tempo;

5 CRIE UMA ROTINA

Acesse diariamente o curso e dedique-se ao estudo durante um tempo determinado, de preferência no mesmo horário; assim fica mais fácil criar um hábito.

Fonte: Dicas da professora Ivete Palange, conselheira da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), na matéria *Tão longe, tão perto* sobre educação a distância; Revista E – Junho/2020.

Pandemia social

Moro na periferia da Zona Sul de São Paulo há 19 anos. Apesar de ter estudado na região, ter muitos parentes e amigos de família em bairros vizinhos, meus pais terem trabalhado a maior parte da vida por aqui, a segurança nunca foi o forte “da ponte pra cá”. Histórias da minha mãe sobre furtos dentro do transporte público e mortes violentas pelas ruas só eram amenizadas porque os donos dos morros poupavam as escolas e os educadores da região.

O tempo passou e o meu retorno ao território após a conclusão da graduação fez com que novos olhares fossem direcionados às vielas e bibocas. O mercado de trabalho nunca é fácil para quem precisa realmente buscar um lugar ao sol.

Reconhecer a periferia como um espaço potencial para trabalhar com sustentabilidade foi e ainda está sendo uma constante quebra de paradigmas e preconceitos. Conhecer coletivos, as batalhas diárias de pessoas comuns e observar as mudanças tão significativas para a comunidade, mas tão invisíveis aos olhos do Estado, é tão triste quanto surpreendente. A pobreza e a violência dos jornais começaram a não mais representar onde moro, porque o conhecimento e entendimento real sobre as movimentações em rede, o apoio e cuidado conjunto do “nós por nós” abre espaço para a cultura periférica e compreensão dessa identidade tão única que se forma de dentro para fora.

A chegada da pandemia se deu nessa trajetória de vislumbre e ainda de conexão com esse território que pulsa e ferve. Alinhado aos mapeamentos territoriais de cunho profissional, mas sem deixar de lado a curiosidade pessoal pelos laços afetivos criados, é impressionante notar a mobilização local para criar soluções específicas daqui.

A Covid-19 escancara uma desigualdade social que sempre existiu. As comunidades periféricas possuem um histórico de desenvolvimento de estratégias de empreendedorismo e geração de renda, cultura, educação e empoderamento. Baseado em editais públicos e privados, financiamentos coletivos, parcerias com pequenas e grandes empresas. Porém, o isolamento social mostrou que o apoio estatal é fundamental e falho. Dessa forma, é uníssona a necessidade de dar visibilidade e acesso ao crédito a essas pessoas físicas e jurídicas. As redes de solidariedade reestruturadas ou criadas nos últimos meses têm logística de recebimento de produtos e serviços diversos, sistemas de triagem e transporte, pontos de coleta de materiais e endereços para mutirões, mapeamento de famílias em situação de vulnerabilidade social, dentre muitas outras informações importantes. Precisamos somente dar mais voz, espaço, credibilidade e respeito a todo esse trabalho e conhecimento.

A gente subestima o poder da periferia. A praxe é pensar que quebrada não é capaz de produzir tecnologia e, por isso, deve-se exportá-la do centro da cidade. Isso vem com sentimento de pena ou desprezo. Olhar colonizador, algumas vezes camuflado de caridade.

Isso tem a ver com racismo e ausência de políticas públicas. O apoio tem que chegar pela postura antirracista, mas também pelo trabalho conjunto para exigir do Estado melhores condições de emprego e renda, segurança, saúde, moradia, saneamento e outras necessidades básicas. Mas o apoio, para chegar sem o viés colonizador, deve ser dialógico. Transversal na troca, horizontal na escuta e educador na base. ■

DANIELA DA COSTA MATSUDA é ecóloga, moradora do Jd. São Luís, técnica de programação do Sesc Campo Limpo.



#emcasacomsesc

Lives de música, teatro, dança, esportes, debates, reflexões e programação para crianças, com artistas, atletas, pesquisadores e pensadores. Todas as apresentações são realizadas ao vivo e posteriormente ficam disponíveis nos canais oficiais do Sesc SP no YouTube e no Instagram.

Sesctv

Séries, documentários e programas exclusivos fazem parte da programação gratuita, presente em operadoras de TV por assinatura e on demand em sesc.tv.org.br. Os programas e filmes abordam temas sociais, artes visuais, teatro, dança, arquitetura, música, esporte, lazer, sustentabilidade, filosofia, ciências humanas, pedagogia entre outros temas e linguagens da contemporaneidade.

Sesc
digital
BETA

Plataforma de conteúdo com ensino à distância e acervo de produções culturais, artísticas e de caráter social, nas áreas de cidadania, comunicação, meio-ambiente, alimentação, tecnologia, esporte e turismo social, além de linguagens como artes visuais, dança, teatro, cinema, circo, música e literatura, entre outros.



[instagram/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)
[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
sesc.tv.org.br
sesc.digital
sescsp.org.br

